

Graziele de Oliveira Silva
Lhaís Barbosa de Carvalho

BRENDA

Um documentário biográfico sobre transexualidade

Viçosa - MG

Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV

2016

Graziele de Oliveira Silva
Lhaís Barbosa de Carvalho

BRENDA

Um documentário biográfico sobre transexualidade

Projeto Experimental apresentado ao Curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Mariana Ramalho Procópio Xavier

Viçosa - MG

Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV

2016

Universidade Federal de Viçosa
Departamento de Artes e Humanidades
Curso de Comunicação Social/Jornalismo

Projeto Experimental intitulado Brenda: um documentário biográfico sobre transexualidade, de autoria das estudantes Grazielle de Oliveira Silva e Lhaís Barbosa de Carvalho, aprovadas pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Profa. Dra. Mariana Ramalho Procópio Xavier – Orientadora
Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da UFV

Murilo Silva de Araújo – Doutorando em Interdisciplinar Linguística Aplicada
Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

Gracielle Fonseca Pires – Mestranda em Letras
Universidade Federal de Viçosa – UFV

Viçosa, 09 de novembro de 2016

RESUMO

Neste Trabalho de Conclusão de Curso, discutimos a transexualidade através da abordagem sensível e humana da história de vida de Brenda da Silva Santunioni. Para que isso fosse possível, criamos um documentário biográfico para a internet que visa a informar e promover a reflexão sobre questões que influenciam diretamente a vida de pessoas transexuais, como a heteronormatividade, o binarismo, a necessidade da despatologização da transexualidade, entre outras. Para tal reflexão, baseamo-nos nos autores Luiz Carlos Lucena, Alex Moletta, Sérgio Vilas Boas, Guacira Lopes Louro, Berenice Bento, Jaqueline de Jesus.

PALAVRAS CHAVE: Transexualidade; Documentário Biográfico; Documentário; Brenda Santunioni.

ABSTRACT

In this Capstone Project, we discuss transsexuality through the sensitive and human approach of Brenda da Silva Santunioni's life story. To make this possible, we have created a biographical documentary for the internet that aims to inform and promote reflection on issues that directly affect the lives of transsexual people as heteronormativity, the binarism, the need for the depathologization transexuality, among others. For this reflection, we rely on the authors Luiz Carlos Lucena, Alex Moletta, Sérgio Vilas Boas, Guacira Lopes Louro, Berenice Bento, Jaqueline de Jesus.

KEYWORDS: Transsexuality; Biographical Documentary; Documentary; Brenda Santunioni.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	5
CAPÍTULO 1 – DOCUMENTÁRIO BIOGRÁFICO PARA A INTERNET.....	8
1.1 Por que o documentário?.....	8
1.2 Por que um documentário biográfico?.....	11
1.3 Por que um documentário biográfico para a internet?.....	14
CAPÍTULO 2 – UMA DISCUSSÃO SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE COM O FOCO NA TRANSEXUALIDADE.....	18
2.1 Sobre os termos transgênero e transexual.....	21
CAPÍTULO 3 – RELATÓRIO TÉCNICO.....	26
3.1 A produção.....	26
3.2 Brenda da Silva Santunioni.....	28
3.3 O desenvolvimento.....	30
3.4 A edição e a finalização.....	34
Considerações Finais.....	38
Referências Bibliográficas.....	40
Anexo 1 – Termos inclusivos.....	43
Anexo 2 – Roteiro deste documentário biográfico para a internet.....	49
Anexo 3 – Músicas escolhidas para comporem a trilha sonora deste produto e música cantada pela personagem principal.....	59

INTRODUÇÃO

Uma de nossas motivações para a realização deste trabalho foi a crescente discussão da temática LGBT e, principalmente, da transexualidade na mídia. Iniciamos nossa pesquisa por trabalhos, vídeos, séries, documentários e qualquer produto que se assemelhasse ao nosso em janeiro deste ano. Tal análise teve o intuito de verificar se a presença de nosso documentário biográfico na internet serviria, realmente, como uma fonte de informação mais clara, sensível e jornalística do que as demais encontradas na rede.

Apresentaremos, aqui, um breve apanhado de notícias que julgamos ser relevantes relacionadas ao tema da transexualidade e a conquista de espaço midiático pelos transexuais de janeiro a novembro de 2016. Os *links* dos portais de notícias de onde retiramos tais informações estão nas referências bibliográficas.

Em janeiro, o blog Prosa Livre publicou um especial em comemoração ao Dia da Visibilidade Trans sobre 10 filmes e séries que apresentavam personagens transgênero. Entre eles estava “Kátia” um documentário que conta a história de Kátia Tapety, a primeira travesti a ser eleita a um cargo político no Brasil. A produção já havia sido premiada na oitava Mostra de Cinema e Direitos Humanos da América do Sul na categoria “Melhor Longa”.

Em fevereiro, a rede social *facebook* liberou outras definições de gênero para seus usuários atualizarem em seus perfis além do feminino e do masculino. A nova opção de gênero foi definida como “personalizado”, onde o usuário pode inserir qual o gênero se identifica e por qual pronome deve ser chamado pela equipe do site.

Em maio, o Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, foi o primeiro da rede pública de ensino a permitir o uso do nome social por estudantes travestis e transexuais. Além disso, os alunos também passaram a ter a possibilidade de usar o uniforme com o qual se sentiam melhor. Neste mesmo mês, o Departamento de Ciências Sociais da UFV inaugurou, em sua sede, quatro banheiros livres de demarcações de gênero, ou seja, de uso permitido por qualquer pessoa.

Em junho, o Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) passou a permitir o uso de nome social pelos candidatos no momento das inscrições e da realização das provas. Os participantes transgêneros também puderam garantir o direito de usar o banheiro do gênero com o qual se identificam. Ainda neste mês, o serviço de *streaming* Spotify publicou playlists para o público LGBTQ, reunidas na categoria “Orgulho LGBTQ”.

Em julho, o jornal O Globo divulgou a notícia de que cientistas mexicanos realizaram o primeiro estudo de campo que demonstra que as mudanças na identidade de gênero não são uma doença. O estudo será apresentado em 2018 na discussão da 11ª versão da Classificação Internacional de Doenças.

Em outubro, a personagem principal deste trabalho foi eleita vereadora da cidade de Viçosa. Brenda foi a única mulher eleita entre os demais candidatos para assumir o cargo na Câmara de Vereadores.

Ainda em outubro, o canal GNT lançou a série-documentário “Liberdade de Gênero.” Os 10 episódios contam a história de vida de 14 pessoas transexuais de diferentes regiões do Brasil buscando inseri-las num contexto comum a qualquer cidadão, com família, amigos, trabalho. Esta produção foi a que mais se aproximou do nosso documentário biográfico no que se refere à mensagem a ser passada aos nossos expectadores, bem como se aproximou da nossa proposta inicial de produto, a qual será esclarecida no capítulo 3 deste Memorial.

A transexualidade recebeu destaque da mídia, nos últimos anos, não só através das conquistas de espaço e de reconhecimento, mas também pela violência diária que as pessoas nesta condição enfrentam. Um estudo divulgado pela *Transgender Europe*, rede europeia de organizações que apoiam os direitos da população transgênero, colocou o Brasil como o país que mais mata transexuais e travestis no mundo. O estudo avaliou o período de 2008 a 2014 e contabilizou 604 assassinatos.

Até julho do ano seguinte ao estudo, a rede de organizações relatou a ocorrência de mais 70 mortes, o que manteve a classificação do nosso país como o mais “transfóbico” do mundo. Segundo Jaqueline de Jesus (2012), “o termo ‘transfobia’ é utilizado para nomear o preconceito, a discriminação, o medo e/ou o ódio sofrido por pessoas transgêneros.” (JESUS, 2012, p. 25).

A partir desta realidade triste e alarmante e, ao mesmo tempo, da abertura para a discussão de gênero e de sexualidade – principalmente da transexualidade – é que se insere o nosso documentário biográfico para a internet. Nos capítulos seguintes buscaremos apresentar: nossas motivações e estudos para a produção deste formato de documentário; nosso interesse pela temática da transexualidade, bem como pela escolha da personagem principal Brenda da Silva Santunioni; nosso viés jornalístico, sensível e humano sobre o tema; nossa discussão sobre gênero e sexualidade com o foco na transexualidade; e todos os procedimentos que envolveram a produção, o desenvolvimento, a edição e a finalização deste Trabalho de Conclusão de Curso.

Antes de entrarmos em tais discussões, gostaríamos de ser honestas com quem nos lê e dizer que este é um espaço não só de informação, mas, principalmente, de aprendizado para nós mesmas. Durante o percurso que fizemos até o fechamento deste projeto, pudemos compreender que este trabalho é uma contribuição para as discussões que envolvem as questões de gênero, de sexualidade e, principalmente, a transexualidade. Temos a consciência da dimensão e da complexidade deste tema. Sabemos que este é um campo ainda em construção e que não há uma definição universal sobre a transexualidade. Por isso, gostaríamos de deixar claro aqui, que ainda que pequeninas perante o tema, esperamos poder contribuir de alguma forma para que as pessoas transexuais sejam vistas a partir do viés humano.

CAPÍTULO 1 – DOCUMENTÁRIO BIOGRÁFICO PARA A INTERNET

No anseio de informar o nosso público alvo sobre a temática da transexualidade de uma forma atrativa, criativa e com uma linguagem esclarecedora e dinâmica, nós nos propusemos a construir um produto audiovisual que combinasse características dos gêneros documentário e biografia.

Essa escolha foi pautada pelo nosso interesse, enquanto jornalistas, em experimentar a produção de um documentário, bem como pela observação da crescente visibilidade do tema na mídia. Buscando atingir com maior facilidade o público alvo, nós optamos por desenvolver um produto que possa ser veiculado na plataforma de vídeos *Youtube*, ou seja, se enquadre em um curta-metragem, valorizando a dinamicidade através da edição das entrevistas, das imagens de *off* e da trilha. Por ser um suporte da internet, o *Youtube* permitirá a visualização da nossa informação por qualquer pessoa de qualquer lugar do mundo.

1.1 Por que o documentário?

Como já apontamos, um de nossos objetivos com este projeto experimental foi informar de forma compreensível e interessante sobre um assunto, muitas vezes, complexo. O documentário foi então escolhido por ser um gênero que permite a liberdade criativa que buscávamos: explorar os recursos de imagem e de som para narrar uma história de vida da forma como julgamos ser envolvente. Tal liberdade de imprimir a nossa visão sobre o tema escolhido em um produto audiovisual é reforçada por Luiz Carlos Lucena, quando afirma que:

É preciso salientar que o documentarista, antes e na atualidade, narra a realidade que ele constrói, com suas inserções subjetivas. O conceito de Grierson de “tratamento criativo da realidade” continua, portanto, sendo uma definição válida para o cinema de não ficção. (LUCENA, 2012, p. 24)

Neste mesmo sentido de que há a possibilidade de os conceitos e as opiniões do documentarista influenciarem o produto final obtido, é que Cristina Teixeira Vieira de Melo vai nos dizer que:

O documentário é um gênero fortemente marcado pelo "olhar" do diretor sobre seu objeto. O documentarista não precisa camuflar a sua própria subjetividade ao narrar um fato. Ele pode opinar, tomar partido, se expor, deixando claro para o espectador qual o ponto de vista que defende. (MELO, 2002, p. 29)

Na tentativa de encontrar uma definição que pudesse ser a mais precisa para o gênero documentário, Lucena (2012) ressalta a linha tênue existente entre o produto ficcional e o não ficcional, uma vez que ambos podem apresentar características em comum. Ao observar o cenário brasileiro, o autor demonstra tal proximidade quando fala sobre a crescente busca dos documentários por evidenciar o lado subjetivo da narrativa, enquanto que os filmes de ficção trazem-nos, com maior frequência, abordagens típicas do documentário.

Esta reflexão vai de encontro ao entendimento comum de que um documentário não é a exposição da realidade e, sim, uma das perspectivas possíveis sobre a mesma. A partir disso, Lucena (2012) nos apresenta a sua definição mais completa que visa classificar uma produção como documentário:

O documentário, diferentemente da ficção, é a edição (ou não) de um conteúdo audiovisual captado por dispositivos variados e distintos (câmera, filmadora, celular), que reflete a perspectiva pessoal do realizador – ou seja, nem tudo é verdade no documentário -, envolvendo informações colhidas no mundo histórico, ambientações quase sempre realistas e personagens na maioria das vezes autodeterminantes (que falam de si ou desse mundo), roteiro final definido e não necessariamente com fins comerciais, com o objetivo de atrair nossa atenção. (LUCENA, 2012, p. 16).

Ainda que o documentário e o filme ficcional tenham buscado se aproximar por meio do compartilhamento de linguagens e temáticas específicas de cada um, Melo (2002) aponta mais características distintas entre esses dois gêneros que nos auxiliam na definição do que vem a ser um documentário:

Uma diferença marcante entre o documentário e o cinema de ficção é aquele não poder ser escrito ou planejado de modo equivalente a este último; o percurso para a produção do documentário supõe uma liberdade que dificilmente se encontra em qualquer outro gênero. Um documentário é construído ao longo do processo de sua produção. Mesmo existindo um roteiro, o formato final somente se define com as filmagens, a edição e a montagem. (MELO, 2002, p. 26)

Tendo optado pela linguagem documental e por um tema gerador de discussões diversas – como as que esbarram nas questões médicas e influenciam diretamente na vida das pessoas transexuais, por exemplo –, nós percebemos a necessidade de criar um recorte que não se resumisse em apresentar dados e opiniões ao público, mas sim que tivesse como foco motivar a reflexão através de um recorte originado pela imersão na vida da personagem principal. Desta forma, a vertente biográfica foi entendida por nós como a maneira mais adequada de atrelar este nosso propósito ao gênero documentário.

A partir daí, nossa ideia de abordar a temática da transexualidade – que ganhou espaço de discussão significativo na mídia – através de um documentário em que a personagem principal é vista pelo seu lado humano, antes de qualquer rótulo social, tomou forma. Esse processo de observação do cenário midiático e de criação do projeto é defendido por Lucena (2012) como uma das formas mais assertivas de se iniciar um produto audiovisual de não ficção.

As ideias nascem, portanto, de observações do nosso entorno, do acompanhamento de noticiários de TV, de leituras de jornais que mostram pequenas histórias e personagens que podem ser trabalhados em vídeo. Essas ideias surgem como pensamentos casuais, que normalmente estão relacionados com nossa vontade de documentar alguma situação ou personagem. Na verdade, os melhores documentários são aqueles que nós queremos fazer. (LUCENA, 2012, p. 32 - 33).

O documentário torna-se, então, uma escolha estratégica para que nossa visão sobre o tema seja transmitida ao público alvo. Através da perspectiva adotada, nós pretendemos ir além da transexualidade de Brenda Santunioni. Ainda que o assunto seja amplamente debatido, nosso produto traz uma crítica social quando encara a personagem como uma pessoa, assim como qualquer outra, digna dos os mesmos direitos e dos mesmos deveres.

Esse intuito de difundir uma concepção pessoal pode ser identificado através das ditas “entrelinhas” do autor Alex Moletta. Para ele, o posicionamento ideológico do autor/diretor em um produto audiovisual é:

um discurso que pode não aparecer diretamente numa ação, num diálogo ou numa cena específica, mas sim no conjunto da obra. Embora o filme aparente tratar de um tema específico, aborda de maneira mais profunda outro assunto. (MOLETTA, 2009, p. 30).

Desta forma, para que nosso documentário promovesse a reflexão desejada, foi preciso que os depoimentos que ele contém fizessem sentido ao serem unidos uns aos outros, tornando a mensagem uniforme e coerente com o nosso propósito, ao invés de um apanhado de relatos sobre a história de vida da Brenda.

No documentário, a costura de vozes caminha para que, ao final, o espectador chegue a um entendimento claro de qual é o posicionamento do documentarista sobre o tema retratado. Tudo é trabalhado para assinalar o ponto de vista do diretor. (MELO, 2002, p. 32)

É através dos depoimentos das pessoas que de certa forma foram importantes para a construção da Brenda enquanto pessoa e o dela mesma que trazemos a contribuição do gênero biografia para estruturar este documentário.

1.2 Por que um documentário biográfico?

Na perspectiva de termos optado por desenvolver um documentário biográfico para a internet vimos que, para Sérgio Vilas Boas (2002), a biografia foi um produto pouco explorado no meio acadêmico brasileiro no início dos anos 2000, o que ia na contramão do número de público que o gênero poderia alcançar. Referindo-se a biografias escritas, principalmente a livros-reportagem, o autor reforça o potencial que gênero possui para atrair leitores – e, no nosso caso, espectadores – dizendo que "as pessoas leem e continuam lendo biografias, acredita Stephen B. Oates, pelo prazer de se projetarem em outras vidas, diferentes tempos, outros destinos, e de retornarem ao presente após a viagem." (VILAS BOAS, 2002, p.37).

Este reconhecimento de nós mesmos a partir da história de vida do outro é uma reflexão característica promovida pela biografia. O gênero nos convida a compreendermos e/ou analisarmos a nossa própria cultura, os nossos valores, a nossa individualidade.

De modo geral, pode-se dizer que as mais variadas narrativas biográficas buscam realizar uma (re)construção da vida de um personagem, de modo diacrônico. Essas narrativas de exploração da subjetividade têm em comum a busca do autoconhecimento, o voltar-se para si mesmo, o mergulho no Eu, a análise das experiências vividas por um sujeito. (PROCÓPIO, 2016, p. 307)

Assim como o documentário, a biografia nos ofereceu a liberdade produtiva que desejávamos para expressar nossas ideias, visto que o gênero é marcado pela transição entre o jornalismo, a história e a literatura. Esse caráter híbrido e transdisciplinar, promovido pelo intercâmbio de conhecimento que a biografia dispõe, permite ao jornalismo dar contribuições significativas quando propomos o formato audiovisual neste trabalho de conclusão de curso. Nós, enquanto jornalistas, tivemos nossa atenção voltada à riqueza de detalhes, à obtenção de informações ditas sigilosas e às reflexões analíticas sobre o tema escolhido de acordo com as proposições de Vilas Boas (2002).

O que diferencia o jornalismo de outra atividade é o desempenho da tarefa informativa e orientativa. O alimento dessa função é a ocorrência social, sobre a qual o jornalista se debruça para manter a sua audiência a par, possibilitando-lhe orientar-se diante da avalanche de acontecimentos cotidianos da sociedade moderna. (VILAS BOAS, 2002, p.77).

Ou seja, mesmo que por meio da biografia nós possamos expressar uma opinião, uma reflexão ou uma crítica, nós não podemos nos afastar do compromisso em apresentar dados sólidos e informações comprováveis. O gênero lida com fatos reais, ainda que permita ao biógrafo explorar o lado subjetivo da narrativa, desta forma “a fim de garantir essa relação objetiva e verossimilhante entre o real e o narrado, é extremamente necessário no processo de construção biográfica um trabalho exaustivo e profundo de pesquisa.” (PROCÓPIO, 2016, 311).

A transdisciplinariedade do gênero chamou, ainda, a nossa atenção para as diversas formas possíveis de se contar uma mesma história. Por exemplo, quando um jornalista biografava a vida de uma pessoa, ele valoriza acontecimentos, opiniões, comportamentos, que ao olhar jornalístico dele, tornam aquele indivíduo interessante. Provavelmente, um historiador ou um escritor seriam, também, orientados por suas sensibilidades específicas adquiridas pela profissão, o que poderia gerar uma narrativa em que os fatos destacados seriam outros.

Tal característica própria da biografia foi essencial para que pudéssemos transformar a nossa perspectiva sobre a vida da Brenda em um produto audiovisual. Sendo assim, nos norteamos pelo conceito de fractal¹ biográfico, que está ligado às

¹ A teoria dos fractais foi desenvolvida em 1975 por Benoît Mandelbrot, matemático francês nascido na Polónia, que descobriu a geometria fractal na década de 1970. A palavra fractal vem do Latim *fractus* que quer dizer fragmentado, fracionado. É a ideia de que a parte está no todo e o todo está na parte. Fractais são objetos e estruturas de dimensão espacial fracionária, com a propriedade de auto-similaridade. Não

múltiplas identidades que uma mesma pessoa carrega, no sentido de que “as várias facetas são auto-similares, ou seja, ninguém é apenas professor, brasileiro, pai ou cristão. Cada fractal contém, em si, o todo que é a pessoa e vice-versa” (CRUZ, 2011, p. 38).

Conduzidas pela teoria dos fractais, justificamos a nossa opção por ressaltar uma das facetas de Brenda, a dela enquanto humana. A Brenda é uma de nós, complexa, instável e incoerente como todos nós somos e isto é o que a torna semelhante. Como jornalistas e biógrafas, construímos a história de nossa personagem a partir das unidades que a compõem, o que confere dinamismo à personalidade dela. Ou seja, apresentamos a Brenda mulher, filha, amiga, profissional, transexual, sendo estes os fragmentos de uma única personalidade que convergem para a característica por nós evidenciada.

Atentando-nos para as unidades exemplificadas acima e para o desafio em explorar as mesmas de uma forma criativa, reafirmamos que, de acordo com um estudo anterior de Cruz, “as múltiplas faces de uma pessoa devem ser consideradas nessa construção, levando-se em conta que uma história de vida é algo complexo, com contradições e nunca completamente revelado” (CRUZ, 2010, p. 203).

As facetas ou unidades também são nomeadas por Sérgio Vilas Boas (2012) como “personas”. Para ele, as diversas identidades que carregamos são como máscaras e uma das tentativas da biografia é desmontá-las para descobrir se o que é atribuído a um indivíduo como peculiar não passa de um conceito criado no imaginário coletivo.

Esta ideia reforça o objetivo de nosso documentário biográfico, uma vez que ao apresentarmos algumas das “personas” da Brenda, evidenciamos o lado humano da mesma e o colocamos acima dos demais, visando desconstruir qualquer outra imagem cristalizada sobre a figura da personagem – estendendo esse nosso olhar reflexivo para qualquer pessoa.

Em relação ao formato escolhido para apresentarmos a nossa biografia sobre a Brenda, Mariana Ramalho Procópio (2016) afirma que há um crescente surgimento de narrativas biográficas em suportes que não o convencional – o livro impresso. A autora apresenta a definição deste movimento como uma constituição de um espaço biográfico, baseando-se no conceito de Leonor Arfuch, que está “diretamente relacionada ao

basta ter dimensão fracionária para ser um fractal. É preciso que o objeto seja auto-semelhante: suas partes devem se parecer muito entre si e representar o todo. Ou seja, um fractal pode ser comparado a uma couve -flor – se alguém cortar um pedaço verá que tem a cara da verdura inteira. (CRUZ, 2011, p.37)

avanço das tecnologias da comunicação, bem como às formas de enunciação do eu por elas instauradas”. (PROCÓPIO, 2016, p. 319).

1.3 Por que um documentário biográfico para a internet?

Nesse cenário de espaço biográfico (que, no nosso caso, nos permite apresentar uma narrativa de vida por meio de um viés jornalístico e em suportes como o *online*) é que se inseriu a necessidade de buscarmos mecanismos que aproximassem o nosso produto com público ao qual ele se destina: adultos que acessam a *internet*. Atentamos para o tempo de duração da produção, para o caráter dinâmico permitido pela edição final, entre outros aspectos que serão detalhados neste tópico.

Pesquisas na área da comunicação têm evidenciado como a *internet* contribui para uma modificação na produção e no consumo do conteúdo audiovisual, uma vez que ela desmaterializa os produtos e aflora o posicionamento mercadológico em nichos de mercado. Felipe Jannuzzi argumenta que "neste mercado [da digitalização do audiovisual], o público de nicho consegue encontrar com mais facilidade o conteúdo ao utilizar principalmente os filtros de busca e a capacidade de recomendação e compartilhamento da rede" (JANNUZZI, 2012, p.51). A supersegmentação do público está em consonância com o conceito da cauda longa, também apontado por Anderson (2006), que corresponde à variedade de formas nas quais um mesmo produto ou tema pode ser apresentado.

Este consumo moderno, prático e sustentável, como categoriza Hermann (2012), permite ao consumidor ter acesso ao material audiovisual sem necessariamente haver um contato físico; o telespectador passa a ter maior liberdade uma vez que escolhe a plataforma pela qual deseja assistir a uma produção audiovisual e quando vai assisti-la.

Ainda de acordo com Letícia Hermann (2012), o novo estilo de produção audiovisual, ligado a nova forma de consumo, evidencia como a confluência entre as mídias deixou de ser uma mera mudança tecnológica em curso na sociedade. Assim sendo, “a convergência midiática altera a relação entre as tecnologias existentes, as indústrias, os mercados, os gêneros e o público.” (JENKINS, 2008, p. 26 *apud* HERMANN, 2012, p. 227).

Nesse sentido de um cenário midiático renovado e aberto a produções como a nossa que mesclam características de um gênero, tradicionalmente associado ao suporte impresso, com as de outro audiovisual é que se insere o interesse pela divulgação em

uma plataforma de vídeos da *internet*. Veicula-la na *YouTube* segue a linha de pensamento defendida pelos autores que apresentamos e se reforça neste trecho da pesquisa de Hermann:

Embora televisões, rádios, jornais e revistas ofereçam canais para feedback à população, a Internet é uma ferramenta ainda mais forte se compararmos as questões de possibilidade de compartilhamento de informações de qualquer indivíduo para qualquer indivíduo desde que tenha acesso à rede. (HERMANN, 2012, p.227).

Outra vantagem da popularização do conteúdo audiovisual na *internet* é a descentralização do poder da comunicação, através da qual, grupos sociais encontram uma nova plataforma para se relacionarem, discutirem assuntos, criarem vínculos e o sentimento de pertencimento a um nicho ou a vários. A partir disso, percebemos que a presença do nosso documentário biográfico no meio virtual poderá servir como uma fonte de informação para nichos diversos, bem como um porta-voz aos que já tem a temática como primordial.

Dessa forma, foi preciso adaptar a linguagem do nosso trabalho para que ele se enquadrasse em um documentário biográfico para a internet. Primeiramente, nos concentramos em decidir qual a melhor angulação para transferir o nosso olhar, já explicado neste capítulo, para as falas dos personagens, visando que o produto final tomasse a forma de um documentário biográfico, descrito por Graziela Aparecida da Cruz como:

(...) uma representação de uma história de uma vida, a partir do complexo trabalho do realizador que lança olhares, realiza escolhas e toma decisões na forma de compor esta representação. Um filme documentário biográfico é uma construção meticulosa engendrada pelo biógrafo que se debruça sobre a história de um personagem e dá nitidez a sua história, tirando a poeira do tempo que a encobre e revelando seus traços. (CRUZ, 2011, p. 30).

Em seguida, ao optarmos por desenvolver um trabalho para a internet, vimos a necessidade de o formato ser próximo do que o nosso público está habituado, porém apoiando-nos numa informação jornalística e reflexiva. Sendo assim, nós optamos por produzir um curta-metragem de 13 minutos e 50 segundos. O espaço de tempo não limita a discussão da temática da transexualidade através da história de vida da Brenda, pelo contrário, é um atrativo a mais para o nosso público, uma vez que o nosso objetivo

é informar com profundidade em poucos minutos, característica principal de um curta-metragem:

Trata-se de uma forma breve e intensa de contar uma história ou expor um personagem. É um momento curto em que o público quer saber o que vai acontecer no segundo seguinte, mesmo que nesse espaço de tempo efêmero o personagem tenha passado por uma vida inteira. (MOLETTA, 2009, p, 17).

Esta linguagem breve e ao mesmo tempo consistente foi possibilitada, principalmente, pela edição, em que os diferentes aspectos da vida da personagem principal foram divididos em blocos temáticos. A dinamicidade foi conferida através da alternância das fontes, e a subjetividade esteve presente com maior força pelo uso das imagens de *off* e da trilha. Estes foram cuidados tomados por nós para que o trabalho tivesse o caráter informativo e interessante que buscávamos.

Outro motivo pelo qual almejamos veicular o nosso documentário biográfico na internet, foi o fato de termos verificado que a temática da transexualidade é pouco explorada em canais da plataforma de vídeos *YouTube*. As questões de gênero e sexualidade encontradas, principalmente aquelas ligadas aos transexuais e às travestis, são discutidas com superficialidade, curiosidade e com a ausência de base informativa e jornalística aprofundando de fato o tema. Reafirmando isso, percebemos pouco reconhecimento destas pessoas dentro do próprio movimento LGBT que as engloba, o que é refletido nos canais do *YouTube* destinados à discussão deste assunto.

Segundo Guacira Lopes Louro (2008), o apoio da mídia é estratégico para que grupos tidos como minoria consigam expor o seu ponto de vista e tragam à tona discussões que envolvem a política de identidade e a cultura em que se inserem. Pensando nisso, acreditamos que a escolha pela plataforma de vídeos *YouTube* para a divulgação do nosso documentário biográfico foi de expressiva importância, uma vez que nosso produto tem o intuito de ser uma fonte de informação menos rasa que as demais encontradas no mesmo site.

Selecionamos, com base no número de seguidores de cada canal aos quais assistimos, cinco exemplos que consideramos comprovar as observações acima. Sendo eles:

1. Canal LubaTV: Com mais de dois milhões de seguidores, o *Youtuber*²

² *Youtuber* refere-se à pessoa que usa frequentemente o site *YouTube*, especialmente alguém que faz e aparece em vídeos no site. <www.dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/youtuber> acessado em 15 de setembro de 2016. Tradução livre.

produz vídeos de caráter cômico sobre experiências pessoais ligadas à homossexualidade dele, e também outros que não têm esse tema como foco, falando sobre viagens, namoro, relacionamento com amigos, com a família, com os fãs por exemplo.

2. Canal Põe na Roda: Este canal tem mais de 410 mil seguidores e é apresentado por um número variado de *YouTubers* homossexuais que conversam sobre questões intituladas por eles como pertencentes ao “mundo gay”. De caráter humorístico e até satírico, soa preconceituoso por se referir à temática de forma estereotipada.

3. Canal Mandy Candy: Este canal conta com mais de 260 mil inscritos. A *YouTuber* fala em seus vídeos sobre experiências pessoais enquanto uma mulher transexual e explica com didatismo e humor, mas de forma superficial, sobre questões de gênero.

4. Canal das Bee: Com mais de 260 inscritos, o canal é apresentado por *YouTubers* homossexuais. Os vídeos tratam de forma cômica, mas com o foco maior no aconselhamento sobre questões que envolvem a sexualidade. Explicam significados de termos específicos como “não binário”, “cisgênero”, “pansexual” por exemplo. Em vários vídeos, há um convidado cuja fala funciona como autoridade no assunto, em alguns deles, são ativistas transsexuais.

5. Canal Transviados: Este canal apresenta mais de sete mil seguidores. Dois *YouTubers* falam de forma cômica sobre as experiências de vida deles enquanto homens transsexuais.

A partir das reflexões feitas neste capítulo, entendemos que o formato de documentário biográfico para a *internet* permite ao nosso público o acesso a uma informação aprofundada e de base jornalística sobre a temática da transexualidade e das questões de gênero tendo como referência a história de vida de Brenda Santunioni. Além disso, esperamos que através da angulação escolhida, a personagem possa ser vista como semelhante, acima de rótulos sociais. No próximo capítulo, discutiremos sobre as questões LGBT, com o foco na transexualidade, que motivaram o desenvolvimento deste projeto.

CAPÍTULO 2 – UMA DISCUSSÃO SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE COM O FOCO NA TRANSEXUALIDADE

Iniciamos as discussões deste capítulo com a proposição de Guacira Lopes Louro: “ser homem e ser mulher constituem-se em processos que acontecem no âmbito da cultura.” (LOURO, 2008, p.18). A partir dessa colocação, começamos a compreender como as diversas instâncias sociais auxiliam em nossa formação enquanto indivíduos, criando o que a autora chama de “pedagogias culturais” as quais podem apresentar um legado coerente ou não.

Estas instituições, passando por escolas, igrejas até chegar aos discursos que foram naturalizados em nossa sociedade, levaram-nos a encarar a diferença, de modo geral, com uma carga negativa. Os estudos de Berenice Bento (2011) ajudam-nos a exemplificar tal afirmação. Segundo ela, expectativas comportamentais são geradas sobre uma pessoa ainda quando a mesma se encontra na barriga da mãe. Ao descobrimos o sexo da criança, ela passa a ser entendida por nós como um ser pertencente a nossa cultura. E a partir daí, da descoberta de qual genitália está sendo formada, é que nós instituímos normas que o bebê passará a seguir após o nascimento.

A materialidade do corpo só adquire vida inteligível quando se anuncia o sexo do feto. Toda a eficácia simbólica das palavras proferidas pelo/a médico/a está em seu poder mágico de gerar expectativas que serão materializadas posteriormente em brinquedos, cores, modelos de roupas e projetos para o/ a futuro/a filho/a antes mesmo de o corpo vir ao mundo. (BENTO, 2011, p. 550).

Estas são as primeiras situações em que buscamos alinhar os gêneros (feminino e masculino) à sexualidade, mesmo que uma genitália não tenha nenhuma relação com o padrão de comportamento, os gostos, os desejos de um indivíduo. Ao nascer, a criança se depara com uma série de planos sobre o futuro dela e durante todo o seu desenvolvimento, é estimulada a agir de forma coerente a realização dos mesmos.

Mas não podemos nos esquecer de que, enquanto seres humanos, somos complexos por natureza. Tão pouco podemos ignorar o fato de que as normas foram instituídas como uma espécie de orientação para vivermos em sociedade, e compreendermos a nós mesmos e aos outros. Aliás, são estes mesmos padrões que causam confusão naqueles que não se sentem pertencentes a nenhuma das “expectativas”. As pessoas que transitam entre os gêneros, por exemplo, enfrentam uma

série de obstáculos por não se enquadrarem aos perfis que para elas fora destinado.

As experiências de trânsito entre os gêneros demonstram que não somos predestinados a cumprir os desejos de nossas estruturas corpóreas. O sistema não consegue a unidade desejada. Há corpos que escapam ao processo de produção dos gêneros inteligíveis e, ao fazê-lo, se põem em risco porque desobedeceram às normas de gênero, ao mesmo tempo revelam as possibilidades de transformação dessas mesmas normas. (BENTO, 2011, p. 551).

Os denominados “gêneros inteligíveis”, seriam os gêneros feminino e masculino. Ou seja, o indivíduo que nasce com vagina deve agir de acordo com o que é esperado socialmente da postura de uma mulher, da mesma forma que o indivíduo que nasce com um pênis deve “comportar-se como um homem”. Seguindo esta linha de raciocínio, uma mulher é vista como delicada e feminina e é esperado que ela se sinta atraída pelo sexo oposto; e o homem é aquele que complementa tais características, sendo forte e masculino e interessando-se por mulheres. Assim, de acordo com a autora, nossa sociedade teria como parâmetros normativos estes dois gêneros (o que é chamado de binarismo) e a heterossexualidade, e tudo que fuja a esta combinação, passa a ser encarado como um desvio.

Os gêneros inteligíveis obedecem à seguinte lógica: vagina–mulher–feminilidade versus pênis–homem–masculinidade. A heterossexualidade daria coerência às diferenças binárias entre os gêneros. A complementaridade natural seria a prova inquestionável de que a humanidade é necessariamente heterossexual e de que os gêneros só têm sentido quando relacionados às capacidades inerentes de cada corpo. (BENTO, 2011, p. 553).

A heterossexualidade tida como padrão, também denominada de heteronormatividade, seria, então, a responsável pela reação de estranheza e pela repreensão ao interpretarmos a diferença do outro.

Se as ações não conseguem corresponder às expectativas estruturadas a partir de suposições, abre-se uma possibilidade para se desestabilizarem as normas de gênero, que geralmente utilizam da violência física e/ou simbólica para manter essas práticas às margens do considerado humanamente normal. (BENTO, 2011, p. 553).

Murilo Silva de Araújo (2014), apoiando-se nos estudos de Butler, afirma que a existência da heteronormatividade como um padrão social é uma forma de

desconsiderar os aspectos cultural e discursivo que envolvem o gênero. Ou seja, o fato de o gênero ser uma construção social (que diz respeito aos papéis que a pessoa desempenhará, à sua postura, ao seu comportamento) é ignorado diante de tais padrões.

(...) uma vez que o próprio sexo é definido em termos de gênero, numa dualidade masculino-feminino, ignorar o seu aspecto cultural e discursivo é uma forma de perpetuar a ordem heterossexual, como se a dualidade fosse dada e autônoma não só no nível “da natureza”, mas também no nível do próprio gênero. Butler argumenta, então, que não existe um “corpo natural” que preexista à sua inscrição cultural. Pelo contrário, é na cultura que o corpo se constitui, se “generifica.” (ARAÚJO, 2014, p. 46-47)

Nesse sentido, a heteronormatividade torna-se uma referência para que possamos nos assegurar de quais atos são de caráter natural e aceitável e quais não são. Dentro dessa lógica, “a transexualidade seria, portanto, a materialização do impossível, o inominável, aquilo que transcende a capacidade de compreensão.” (BENTO, 2011, p. 552).

No entanto, como apontamos desde o início deste capítulo, a construção dos papéis de gênero está ligada a cultura na qual estamos inseridos. De acordo com Jaqueline de Jesus (2012), o que define um comportamento como equivalente ao de um homem ou ao de uma mulher são os valores e os ensinamentos passados de geração para geração em nosso meio social, sendo que este pode ser um espaço de compartilhamento de ideias mais restrito do que possamos supor.

Mulheres de países nórdicos têm características que, para nossa cultura, são tidas como masculinas. Ser masculino no Brasil é diferente do que é ser masculino no Japão ou mesmo na Argentina. Há culturas para as quais não é o órgão genital que define o sexo. Ser masculino ou feminino, homem ou mulher, é uma questão de gênero. (JESUS, 2012, p. 8).

Percebemos mais uma vez que o sexo e o gênero não têm a obrigatoriedade de serem correspondentes um ao outro. Mas, como dissemos na introdução deste memorial, os estudos sobre gênero e sexualidade, principalmente sobre transexualidade, estão em construção. Sendo assim, encontramos várias perspectivas sobre o mesmo assunto, como é o caso da autora Jaqueline de Jesus. Enquanto para Murilo Silva de Araújo defende que o gênero e o sexo são uma construção social, Jaqueline de Jesus vai

nos dizer que:

Sexo é biológico, gênero é social, construído pelas diferentes culturas. E o gênero vai além do sexo: O que importa, na definição do que é ser homem ou mulher, não são os cromossomos ou a conformação genital, mas a auto-percepção e a forma como a pessoa se expressa socialmente. (JESUS, 2012, p. 8)

A partir desta observação da pluralidade de definições para os mesmos termos, introduzimos o conceito de identidade de gênero, que se refere ao comportamento estar em conformidade com a maneira como vemos a nós mesmos. Na palavra comportamento está embutida a adequação do vestuário, do corpo, dos gostos, dos trejeitos, entre outros. A identidade de gênero está diretamente ligada com a forma como nos reconhecemos e nos apresentamos para a sociedade. Ou seja, não existe uma identidade e um gênero pré-concebidos para cada indivíduo. A maneira como nos portamos e como nos reconhecemos está intimamente associada ao âmbito cultural, considerando-se as possibilidades de expressão que vislumbramos no meio no qual estamos inseridos.

Em sua perspectiva, as identidades, assim como o gênero, não são pré-discursivas, ou, em outro termo, pré-formadas. Pelo contrário, nós somos continuamente (e discursivamente) construídos por uma série de atos de identidade que desempenhamos como uma série de performances sociais e culturais, em vez da expressão de uma identidade “anterior”. Em suas palavras, “o gênero é sempre um feito”, e a identidade é “performativamente constituída, pelas próprias „expressões“ tidas como seus resultados” (BUTLER 2003 [1990], p. 48 *apud* ARAUJO, 2014, p. 47) [grifos do autor].

Sabemos que a discussão sobre gênero e sexualidade, bem como os termos que a perpassam merecem uma atenção ainda maior e mais detalhada para que possamos compreender de forma mais profunda as várias correntes de pensamento que tratam da temática. Mas, como já apontamos, este é um tema complexo e a partir disso e do tempo que tivemos para nos dedicar ao estudo do mesmo, preferimos trazer para este memorial uma abordagem mais sucinta, mas que ainda assim conseguisse abranger pontos relevantes.

2.1 Sobre os termos transgênero e transexual

Da mesma forma, pudemos compreender que as discussões sobre os termos transgênero e transexual trazem a tona algumas questões. O campo da transexualidade está ainda em construção, o que o revela como um campo ao mesmo tempo político e social. Assim sendo, através dos autores escolhidos e dos pontos abordados, gostaríamos de deixar claro que não há uma precisão conceitual para tais termos.

As pessoas transgênero, também conhecidas como trans, podem ser denominadas como as que não se identificam com o gênero estabelecido a elas. Segundo Jaqueline de Jesus (2012), essa é uma maneira abrangente de designá-las, uma vez que, no Brasil, o termo não tem uma definição única, universal. Por exemplo, existem as pessoas que acreditam que este termo não contempla as travestis e os transexuais, bem como as que não se sentem representadas por nenhuma identidade de gênero e não há consenso quanto à nomenclatura delas. “Alguns utilizam o termo *queer*, outros, a antiga denominação ‘andrógino’, ou reutilizam a palavra transgênero”. (JESUS, 2012, p. 10).

Ou seja, em outras palavras e ainda segundo Jaqueline de Jesus (2012) a definição mais aproximada para o termo transgênero pode ser a de que este é um “conceito ‘guarda-chuva’ que abrange o grupo diversificado de pessoas que não se identificam, em graus diferentes, com comportamentos e/ou papéis esperados do gênero que lhes foi determinado quando de seu nascimento.” (JESUS, 2012, p. 25).

Assim como acabamos de dizer, embasadas nas definições de Jaqueline de Jesus (2012), o termo transgênero está diretamente associado ao modo de agir de uma pessoa. O transgênero pode ser considerado como aquele que compreende a existência de padrões sociais determinantes do que é o “papel a ser desempenhado por uma mulher na sociedade” e do que é o “papel a ser desempenhado por um homem na sociedade”, mas não se vê, necessariamente, representado por uma “caixinha de comportamento”, ou outra, ou ambas. Assim sendo, um transgênero pode não querer fazer algum tipo de alteração em seu corpo, uma vez que este termo está ligado aos papéis socioculturais.

Enquanto que o termo transexual é um “termo genérico que caracteriza a pessoa que não se identifica com o gênero que lhe foi atribuído quando de seu nascimento.” (JESUS, 2012, p. 28). Sendo assim, a pessoa transexual sente a necessidade de adequar o corpo ao gênero com o qual ela se identifica seja por meio do uso de hormônios e/ou cirurgias, por exemplo.

Outro ponto a ser elucidado e que, de acordo com a autora, causa confusão devido ao estereótipo associado a essas pessoas é a diversidade de orientação sexual que

este grupo, assim como qualquer outro, pode apresentar. Nesse sentido, um trans não é necessariamente gay ou lésbica, pode vir a ser, da mesma forma como pode ser heterossexual.

Mulheres transexuais que se atraem por homens são heterossexuais, tal como seus parceiros; homens transexuais que se atraem por mulheres também o são. Já mulheres transexuais que se atraem por outras mulheres são homossexuais, e homens transexuais que se atraem por outros homens também. Não se pode esquecer, igualmente, das pessoas com orientação sexual bissexual. (JESUS, 2012, p. 13 - 14).

Ainda segundo a autora, a mesma confusão pode acontecer com um homem *crossdresser*, por exemplo. Essa denominação é dada àquele que identifica-se como homem, geralmente é heterossexual e tem o prazer de vestir roupas femininas. Os artistas transformistas (*drag queen* ou *drag king*) também se enquadram nessa situação, visto que, nem sempre, ele se identifica como um gênero diferente do seu, mesmo vestindo-se de forma caricata deste outro.

Logo, percebemos que ser transexual está intimamente ligado à auto identificação, ao gênero. “Não é uma doença mental, não é uma perversão sexual, nem é uma doença debilitante ou contagiosa. Não tem nada a ver com orientação sexual, como geralmente se pensa, não é uma escolha nem é um capricho.” (JESUS, 2012, p. 15).

Estes equívocos tão comumente associados à transexualidade não consideram obstáculos e constrangimentos que essas pessoas precisam enfrentar. Assumir a identidade de gênero com a qual se identifica pode significar: a luta diária contra o preconceito; a dificuldade em garantir diversos direitos, inclusive o de ter um *nome social*³ registrado em documentos de identificação; a violência física e simbólica; entre outros.

Além disso, a transexualidade não se restringe a uma experiência generalizável, ela pode ser vivida de diversas formas e intensidades. O entendimento do que realmente se é pode vir desde a infância, pode ser descoberto na adolescência e assim por diante. Este “conhecer a si mesmo” é facilitado ou não pelo meio em que se vive, que influencia na auto aceitação, na auto estima, na expressão dos sentimentos. “Uma parte das pessoas transexuais reconhece essa condição desde pequenas, outras tardiamente, pelas mais diferentes razões, em especial as sociais, como a repressão.” (JESUS, 2012,

³ Nome pelo qual as travestis e pessoas transexuais se identificam e preferem ser identificadas, enquanto o seu registro civil não é adequado à sua identidade e expressão de gênero. (JESUS, 2012, p. 30).

p. 14).

Não há um conceito inquestionável e absoluto que defina o que é a transexualidade. Aliás, este trabalho não tem o intuito de rotular alguém, de estabelecer ou reforçar fronteiras, muito pelo contrário. Voltamos aqui a defender que a transexualidade está ligada à adequação do corpo e do comportamento ao gênero com o qual a pessoa se identifica. Também relembramos que todos somos seres complexos pertencentes a uma mesma espécie, a humana. E que, para que a naturalização da diferença aconteça em nossa sociedade, é preciso uma ação coletiva: a desconstrução de regras excludentes há muito consolidadas. “Não temos explicações científicas para por quê os seres humanos se identificam com um determinado gênero, em consonância ou não com a expectativa de sua cultura, mas sabemos que isso ocorre, e como ocorre.” (JESUS, 2012, p. 15).

Sabemos, portanto, que uma mulher transexual é aquela que sempre se reconheceu como uma mulher e, em algum momento de sua vida, iniciou o processo de adequação ao gênero feminino em todos os sentidos desde a aparência ao nome. Da mesma forma, um homem transexual é aquele que sempre se reconheceu como um homem e adotou nome, vestuário, postura, trejeitos, aparência masculina. Essas modificações corpóreas envolvem o uso de hormônios e as intervenções cirúrgicas, sendo que estas últimas não são uma regra.

E, mais do que adequar-se a identidade de gênero, essas pessoas buscam – e merecem – ser tratadas como quaisquer cidadãos. Infelizmente, a realidade não corresponde à situação ideal. Muitos transexuais enfrentam dificuldades para concluir os estudos, para conseguirem emprego, para modificarem o nome e o gênero nos documentos.

A propósito, um dos maiores entraves na vida dessas pessoas talvez seja a patologização da condição delas. O *Manual de Diagnóstico e Estatísticas de Transtornos Mentais (DSM) da Associação Psiquiátrica Americana (APA)*⁴ mantém a transexualidade na categoria dos Transtornos de Identidade de Gênero, o que sustenta, de certa forma, os argumentos preconceituosos, a restrição a direitos, a exigência de laudos psicológicos e psiquiátricos para que decisões importantes sejam tomadas –

⁴ Em 1980, a APA aprovou a terceira versão DSM incluindo a transexualidade no rol dos Transtornos de Identidade de Gênero, no capítulo dedicado aos Distúrbios de Identidade de Gênero. Em sua quarta versão, estabeleceu os critérios diagnósticos para as chamadas “perturbações mentais, incluindo componentes descritivas, de diagnóstico e de tratamento, constituindo um instrumento de trabalho de referência para os profissionais da saúde mental em todo o mundo.” (BENTO, 2011, p. 554).

como fazer *cirurgia de transgenitalização*⁵ – entre outros.

São múltiplas as violências cometidas contra as pessoas transexuais. A patologização social dessa experiência identitária talvez seja a mais cruel, pois irradia a convicção de que são pessoas inferiores. Cruzar os limites dos gêneros é colocar-se em uma posição de risco. Quando se afirma que existe uma norma de gênero, deve-se pensar em regras, leis, interdições e punições. (BENTO, 2011, p. 554).

Assim sendo, a categorização da transexualidade como uma doença torna o indivíduo incapaz de tomar decisões básicas sobre a própria vida sozinho e sugere que a auto identificação dele é ilegítima. Vemos, novamente, que a heteronormatividade e o binarismo estão enraizados em nossa cultura e se expressam através das mais variadas maneiras. A patologização é um reflexo expressivo do não reconhecimento à “pluralidade de identidades de gênero como uma manifestação natural dos seres humanos.” (JESUS, 2012, p. 31).

Devemos ressaltar ainda que nem todo transexual sente a necessidade de recorrer a procedimentos cirúrgicos e isso não faz dele uma travesti. “Travestis [são] as pessoas que vivenciam papéis de gênero feminino, mas não se reconhecem como homens ou como mulheres, mas como membros de um terceiro gênero ou de um não-gênero.” (JESUS, 2012, p. 17).

Em suma, neste capítulo, elencamos algumas das questões que envolvem a vida dos transgênero e dos transexuais e como elas a influenciam. Também tentamos esclarecer que a transexualidade está ligada a identidade de gênero e não a um transtorno mental ou a procedimentos cirúrgicos. Para facilitarmos a compreensão da temática, explicamos alguns conceitos referentes a gênero e a sexualidade.

Toda a abordagem aqui realizada teve o intuito de transferir ao leitor o nosso olhar enquanto autoras deste documentário biográfico para a internet. Temos a plena consciência de que esse é um tema complexo e que não há uma resposta definitiva e universal que nos diga o porquê pessoas nascem sem se identificarem com o sexo. Entretanto, este não é o nosso foco. Nosso trabalho consiste em apresentar uma visão humana dos fatos, em mostrar que a diferença entre as pessoas é algo positivo, que vivemos em uma sociedade plural e devemos nos respeitar uns aos outros.

CAPÍTULO 3 – RELATÓRIO TÉCNICO

⁵ Adequação cirúrgica do órgão genital à imagem que a pessoa tem dele. (JESUS, 2012, p. 16). Ou seja, se a mulher transexual decide adequar o seu órgão genital, ela constituirá uma vagina. Se um homem transexual toma a mesma decisão, ele constituirá um pênis.

Neste capítulo, relataremos os procedimentos realizados durante a produção, o desenvolvimento e a finalização deste trabalho de conclusão de curso. Cada etapa exigiu procedimentos metodológicos específicos para que o memorial e o produto apresentassem a qualidade técnica que buscávamos desde a elaboração da proposta.

A partir do que vivenciamos para a construção deste projeto, apresentaremos aqui a personagem principal deste documentário, os equipamentos utilizados, o relato sobre as entrevistas, a preparação para que elas acontecessem, a busca por documentos que agregaram para a compreensão do roteiro e o desenvolvimento deste, os mecanismos de edição.

3.1 A produção

Como brevemente relatado no capítulo 2, nossa pesquisa foi iniciada em janeiro deste ano, quando decidimos o gênero deste trabalho, o formato no qual tal gênero seria desenvolvido, a temática a ser abordada e a personagem que ilustraria a discussão acerca do tema.

Inicialmente, havíamos optado por desenvolver uma série-documentário biográfica para a internet de quatro episódios com cinco minutos cada. Este formato possibilitaria a orientação de cada episódio por temáticas específicas através da história de vida da Brenda. Por exemplo, o primeiro trataria da identidade de gênero, o segundo da necessidade de despatologização da transexualidade, o terceiro do preconceito e assim por diante. Nossa intenção de buscar uma abordagem humana da personagem, evidenciando o lado positivo de termos a pluralidade de gêneros e de sexualidades em nossa sociedade se mantinha neste formato.

A alteração da série-documentário para o documentário deveu-se ao tempo que tivemos com a fonte principal e o conseqüente número reduzido de entrevistas dentro de um prazo hábil que permitisse a edição de uma série. Brenda candidatou-se a vereadora para as eleições municipais de outubro de 2016 e durante o segundo semestre deste ano – período estipulado para as gravações – teve um grande número de compromissos, o que inviabilizou, por diversas vezes, que as gravações acontecessem.

Desta forma, decidimos que o melhor formato para apresentarmos o nosso projeto seria um documentário biográfico para a internet. As entrevistas já realizadas com outras fontes seriam mantidas, as discussões que buscávamos e o suporte também.

Mas esta será uma questão detalhada no próximo tópico, o do desenvolvimento. Por enquanto, vamos nos ater aos momentos iniciais deste trabalho.

Nosso primeiro contato com a Brenda aconteceu em 2015, quando fazíamos parte do programa Contrarregra. Este é um projeto de extensão do curso que também funciona como atividade avaliativa da disciplina de Telejornalismo II. No período em que fazíamos parte como bolsista do projeto (Graziele) e como monitora da disciplina (Lhaís), nós acompanhávamos os demais estudantes na realização das entrevistas.

O Contrarregra abordou a temática de gênero e sexualidade em sua terceira temporada e o quadro de entrevista contou com a presença da Brenda, quando ainda era a Chefe do Departamento de Turismo da cidade. A partir daí, percebemos que, por mais que toda a equipe que esteve presente tivesse estudado previamente sobre o tema, nenhum de nós estava seguro de que a forma como conversamos com ela foi condescendente.

Este fato, somado ao conhecimento da representatividade que a fonte tinha em Viçosa e a observação da crescente visibilidade midiática de temas relacionados aos LGBT, nos fez pensar em como desenvolver um produto audiovisual que não reafirmasse preconceitos sociais e que tivesse uma linguagem clara, jornalística e sensível ao mesmo tempo.

A partir disso, tivemos a ideia de unir o gênero documentário ao gênero biografia e veiculá-lo na internet, para que ele pudesse ser uma fonte de informação para o nosso público alvo baseada em pesquisas e em entrevistas em profundidade. Ao decidirmos o formato e o tema deste trabalho, criamos um grupo no *facebook* para que todo conteúdo relevante encontrado por nós pudesse ser arquivado. Desta forma, o grupo funcionou como um banco de dados, o que facilitou o compartilhamento e o estudo das informações relativas a gênero, a sexualidade, a transexualidade, a documentário e a biografia por nós captadas.

O segundo contato com a fonte ocorreu em março. Desta vez, fomos até ela apresentar a nossa proposta de projeto experimental e convidá-la a ser a fonte principal de nosso trabalho. Brenda se mostrou solícita e concordou em ser biografada por nós.

Neste primeiro momento do trabalho, explicamos a ela que nossos contatos no primeiro semestre do ano não seriam gravados. Serviriam para que nós tomássemos um maior conhecimento da vida dela no âmbito pessoal e que este tempo também seria dedicado a nossa pesquisa sobre o formato e a temática adotados. Não gravar as primeiras entrevistas era uma medida estratégica que visava conferir o tom de

informalidade que buscávamos, facilitando, assim, o estabelecimento de uma relação de confiança entre nós. Antes de dar sequência ao relato das etapas deste trabalho, vamos apresentar um recorte da história de vida da personagem principal.

3.2 Brenda da Silva Santunioni

Brenda é uma mulher transexual nascida em Espera Feliz, município de Minas Gerais. Segundo relatos da mesma, foi durante a puberdade que ela entendeu que não se identificava com o gênero masculino e sim, com o feminino. Aos 14 anos, Brenda mudou-se para a cidade de Rio Pomba para cursar o ensino médio em um colégio agrícola. Lá, ela iniciou o processo de transformação de corpo.

Em 1996, tendo concluído os estudos, ela veio para Viçosa e, desde então, desenvolveu trabalhos em setores midiáticos e políticos que contribuíram para torna-la conhecida na cidade. Brenda produziu a extinta Revista Lógica⁶; participou na promoção de eventos que tinham como objetivo premiar comerciantes e figuras locais; participou de um programa de rádio intitulado “Babado” na Rádio Viçosa 95 FM até os anos 2000; ocupou o cargo de Chefe do Departamento de Turismo de Viçosa de 2011 a 2016, e, recentemente – em outubro –, foi eleita vereadora neste mesmo município.



Ilustração 1 – Brenda Santunioni na juventude.

⁶ A Revista Lógica foi uma criação e produção independente de Brenda Santunioni, que entrou em circulação na cidade de Viçosa em dezembro de 1996 e permaneceu até o ano de 2006. A Revista tinha como propósito informar sobre assuntos que perpassavam o cotidiano do viçosense. As matérias eram escritas de forma colaborativa.



Ilustração 2 – 1ª Edição da Revista Lógica.



Ilustração 3 – Brenda durante as gravações do programa “Babado”.



Ilustração 4 – Brenda durante participação em eventos.



Ilustração 6 – Brenda durante as gravações do documentário biográfico para a internet.

3.3 O desenvolvimento

Ao fim do primeiro semestre, marcamos uma entrevista exploratória com a Brenda, que como já explicado, não seria gravada. Durante o encontro, voltamos a elucidar a ela a intenção de nosso trabalho e o nosso possível desconhecimento em relação a questões específicas da transexualidade, uma vez que o tema é complexo e estávamos em fase de pesquisa.

Ressaltamos também o nosso profundo respeito, não pela pessoa conhecida que ela é, enquanto agente política na cidade, mas por vermos nela, antes de qualquer rótulo social, um ser humano como nós, e que, se cometêssemos qualquer deslize, ela tinha total liberdade para corrigir-nos.

Desta conversa, que teve o objetivo de ser informal e orientada por questões pré-estabelecidas em um roteiro, descobrimos a relação da personagem principal com Scarlet Lourenço, a melhor amiga; a relação com os pais, que moram no município de Espera Feliz, também em Minas Gerais; a relação de trabalho e de cliente que teve com o Psicólogo Eduardo Simonini; e demais fatos que marcaram a vida da personagem.

Este primeiro contato para o trabalho, sem o uso das câmeras, como uma conversa informal, teve o intuito de nos aproximar de Brenda, ganhar a confiança dela e, mais do que isso, de conhecer de fato facetas que talvez ela não apresente a todas as pessoas. Acreditamos que apenas através de nossa imersão na história de vida dela é que a sensibilidade de nosso documentário seria possível, uma vez que saberíamos quais os pontos chave para abordarmos, quais as pessoas importantes para ela, quais as imagens deveríamos fazer posteriormente.

Somente conhecendo a história e os personagens, podemos ‘ver’ claramente as imagens que precisamos extrair para compor o vídeo de

curta-metragem. O diretor é um autor que escreve com a lente da câmera. A maneira como capta cada imagem e a justapõe em sequência determina o tipo de clima e a dramaticidade que o público vai travar com o vídeo. (MOLETTA, 2009, p. 43).

A partir da entrevista, que teve o intuito de sondar os acontecimentos que Brenda considerava significativos, demos continuidade a pesquisa acerca da temática. Nossa busca agora tinha o foco em termos e questões apontados por Brenda. Este foi um pré-requisito adotado por nós para que estivéssemos inteiradas sobre a transexualidade, da melhor forma possível, antes que começássemos a estabelecer o contato com as demais fontes citadas por ela.

Inicialmente, estavam previstas para as gravações do segundo semestre letivo as seguintes fontes: familiares da Brenda, principalmente os pais; a melhor amiga, Scarlet; o ex colaborador da Revista Lógica e graduado em Psicologia, Eduardo Simonini; e o médico psiquiatra que atende na cidade de Viçosa com quem Brenda já havia tido contato. Como dissemos, alguns imprevistos surgiram durante o período de gravações e tivemos de optar por modificar o formato do produto – de série-documentário biográfica para a internet para documentário biográfico para a internet.

Tais percalços acarretaram na restrição do tempo de contato com a Brenda a alguns fins de semana, o que também inviabilizou a nossa visita à casa dos pais da mesma, na cidade de Espera Feliz. Nossa intenção era que Brenda nos acompanhasse nesta entrevista, para que pudéssemos ter imagens dos familiares junto, o que não foi possível devido aos compromissos com a campanha eleitoral. A outra fonte que caiu foi o médico psiquiatra. Quando o procuramos para apresentar nossa proposta de trabalho de conclusão de curso e para solicitar a participação do mesmo, sentimos que ele não se mostrou interessado e, sentimos em suas palavras um tom preconceituoso, o que não ia de encontro com os nossos ideias e objetivos.

Então, com o início do segundo semestre letivo em agosto, demos início às gravações do documentário. A primeira fonte a ser contatada foi Scarlet. A propósito, Brenda serviu de ponte para esta aproximação. Ela marcou a nossa entrevista com a amiga para um domingo em que as duas estivessem na casa de Scarlet. E assim aconteceu.

Acreditamos ter sido positivo o fato de a primeira entrevista ter sido com a melhor amiga e não com a fonte principal, uma vez que Brenda parecia ainda estar receosa, ou mesmo curiosa, sobre como se daria a condução do trabalho, se de fato ele

não se tornaria uma abordagem baseada em especulações.

Por outro lado, percebemos que a presença de Brenda no ambiente em que a entrevista estava sendo gravada pode ter contribuído para que a fonte se apresentasse um tanto quanto contida e que muita informação não tinha sido explorada na profundidade que desejávamos. Logo, deixamos claro que, se houvesse necessidade, entraríamos em contato com Scarlet novamente para realizarmos uma segunda entrevista. E foi o que fizemos.

O segundo encontro com Scarlet aconteceu também na casa dela e como prevíamos, ela estava mais solta e mais disposta a dar detalhes sobre as histórias que envolviam a relação de amizade que tem com Brenda.

Nesta e nas demais entrevistas, utilizamos três câmeras Nikon D-3200, sendo duas imóveis (plano aberto e plano fechado) e uma móvel (que funcionou como close-up, plano detalhe). Para a captação do áudio, utilizamos lapela com fio que foi conectada a uma das câmeras imóveis. Lamentamos pelo ocorrido de problemas técnicos em alguns equipamentos ao longo das filmagens.

O plano aberto (PA) foi pensado por nós para ambientarmos o nosso espectador. As entrevistas ocorreram nas casas de cada entrevistado justamente para conferir ao documentário um tom intimista. Isso só não ocorreu na gravação com Eduardo Simonini, que por restrição de horários, teve de acontecer em seu local de trabalho. A partir deste enquadramento, nosso público pode perceber o ambiente como um todo e a interação da fonte com o mesmo.

O tema ou personagem já ocupa uma parte maior da imagem, porém ainda se percebe sua relação com o ambiente. Sabe-se quem (ou o que) é, mas sem detalhes ou sutilezas. [...] O plano aberto permite ao público visualizar claramente as ações e reações físicas [de cada personagem]. (MOLETTA, 2009, p.48).

O plano fechado (PF) teve o intuito de mostrar de forma mais detalhada as expressões de cada entrevistado, suas emoções e reações. O espaço físico deixou de ter importância equivalente na imagem e isto era necessário para que o lado subjetivo e sensível de nosso documentário pudesse ser introduzido.

Também conhecido como primeiro plano (PP), mostra o personagem dos ombros até o alto da cabeça, possibilitando ao espectador penetrar nas emoções e nos dramas internos dos personagens. Exibe sutilezas

de expressão, como um leve ou um pequeno desvio de olhar. (MOLETTA, 2009, p. 48 – 49).

Através do close-up associado à câmera em movimento é que podemos transferir com maior expressividade o nosso olhar enquanto autoras do documentário. Foi possível captar o sentimento de cada fonte pela personagem principal através do olhar, do semblante, das pausas na fala.

A câmera mostra apenas o rosto de um personagem, expondo totalmente seus sentimentos. Notam-se rugas de preocupação, lágrimas, hesitação, raiva e medo. O close-up faz que o espectador entre na cabeça e no coração do personagem e sinta o que ele está sentindo. (MOLETTA, 2009, p. 49)

O plano detalhe (PD) foi utilizado em momentos variados. Serviu-nos para realçar ainda mais o lado subjetivo do documentário. Ele nos permitiu mostrar detalhes das expressões das personagens Brenda e Scarlet, captar seus sentimentos, nuances e reações. Este tipo de enquadramento foi escolhido para ambas por elas representarem o caráter mais emocional da narrativa. Pela linguagem de Eduardo Simonini ser pautada por um viés acadêmico/profissional em relação ao tema – ressaltando que o contato com a Brenda foi, em sua maior parte, como colega de trabalho quando ele participou como colaborador da Revista Lógica – não exploramos o plano detalhe durante a entrevista gravada com ele. Preferimos conferir o caráter mais objetivo do documentário através das imagens do mesmo em primeiro plano e sem a presença da câmera em movimento.

Acreditamos que a presença dele – e o enquadramento destinado a ele – eram importantes para a narrativa, considerando-se que a temática da transexualidade ainda é um campo em construção e que nós buscávamos um viés jornalístico para o produto.

[O plano detalhe], também conhecido por primeiríssimo plano (PPP), é utilizado para mostrar detalhes significativos de um personagem ou objeto. Exemplos: os olhos de um personagem, um relógio de pulso, uma mão na maçaneta, uma caneta sobre a mesa, as teclas de um telefone etc. (MOLETTA, 2009, p. 49).

A nossa opção por inserir os créditos para identificar os personagens do documentário teve como objetivo ressaltar essa escolha estética, uma vez que denominamos a Scarlet como amiga da Brenda e o Eduardo Simonini como psicólogo e, posteriormente, colega da Brenda.

Desta forma, buscamos construir a estética de nosso documentário, tendo em vista o desafio de criar uma identidade imagética para o mesmo, sabendo que nós não gostaríamos de “enquadrar” a Brenda em nenhum plano, não gostaríamos de “taxa-la”. Tendo em vista que o documentário é um gênero que tem as suas normas como qualquer outro, nós optamos por ângulos que ressaltassem essa preocupação ética e estética e transmitissem ao público o sentido que gostaríamos: o do respeito à diversidade.

No caso de entrevistas, a escolha do local, do posicionamento do entrevistado diante da câmera e do plano utilizado (close-up, primeiro plano, plano médio) são fatores decisivos para a leitura do documentário. Outro aspecto, que está relacionado ao estilo do diretor e à estética do filme, refere-se à utilização de câmera em tripé (imagens estáveis) ou na mão (imagens móveis). (CRUZ, 2011, p.43 – 44).

Após a entrevista com Scarlet, foi a vez de irmos pela primeira vez a casa de Brenda. Esta entrevista possibilitou-nos observar todo o espaço da casa da personagem principal. Percebemos a valorização que a mesma atribui a natureza pelas árvores, plantas e lagos que ela mantém em sua propriedade, bem como o seu amor pelos animais devido ao número expressivo de cachorros que ela adotou por situações diversas. Toda a nossa interpretação do ambiente foi importante para que pudéssemos transferir nossas sensações através das imagens posteriormente feitas e, para que os planos escolhidos buscassem, primordialmente, corresponder às mesmas.

Durante o segundo semestre, realizamos mais três entrevistas com a Brenda e uma com o seu ex-colega de trabalho e graduado em psicologia, Eduardo Simonini. Eduardo funcionou como a visão profissional acerca da transexualidade e das questões que perpassam o tema.

As outras visitas realizadas na casa da fonte principal renderam-nos também arquivos pessoais como fotos e documentos que serviram para ilustrar fatos narrados durante o documentário.

Após coletadas todas as informações necessárias e finalizadas as gravações, demos início à edição.

3.4 A edição e a finalização

Para a edição do documentário biográfico utilizamos o programa Adobe Premiere Pro CS6.

Por meio dele, cortamos os depoimentos de cada entrevistado. Em seguida, nos ativemos aos assuntos levantados por Brenda que mais correspondiam à característica sensível e humana que gostaríamos que o nosso produto apresentasse. Orientando-nos por essas falas, buscamos nas dos entrevistados um complemento às mesmas e, a partir daí, conferimos sentido e consonância à história contada pelas vozes diferentes.

Nesse contexto, observamos que os hetero e autoparafraseamentos tornam-se indispensáveis para dar coesividade ao texto, criando um elo entre depoimentos isolados que ao serem postos em sequência dão unidade à narrativa. (MELO, 2002, p. 33).

O roteiro foi, então, pensado a partir dos cortes feitos nas falas de cada fonte e na coerência e na coesão que essas vozes iriam conferir à narrativa quando fossem unidas umas às outras. Uma característica própria do documentário é a roteirização acontecer posteriormente às gravações, o que o difere da produção ficcional. Este fato se dá justamente pelas falas dos personagens serem a fonte da criação do roteiro, as quais seriam impossíveis de serem previstas, independente do nosso envolvimento ou não com a realidade vivida pela fonte.

No documentário, o roteiro pode ser um argumento amplo, porque, ao contrário dos filmes de ficção, em que o roteiro é a origem e a matriz do filme, nele tudo pode mudar conforme o desenvolvimento do tema e das filmagens. (LUCENA, 2012, p. 39 a 40)

Desta forma, os depoimentos intercalados começaram a dar forma ao produto final. Nesta etapa, inserimos as imagens ditas como imagens de *off* – que são aquelas feitas em momentos que não, necessariamente, os de entrevista, como imagens dos animais da Brenda, de detalhes da casa dela, da casa de Scarlet, do ambiente de trabalho de Eduardo, bem como detalhes de cada uma dessas fontes, de suas movimentações e expressões – a trilha e os momentos de silêncio visando unir informação e subjetividade de forma suave e atrativa.

As imagens de *off* e a sonorização nos auxiliaram a transmitir, principalmente, este lado sensível ao qual nos referimos, trazendo à narrativa o teor humano que

buscávamos desde o momento das entrevistas. “Os movimentos transmitem emoções, comunicam ideias. Em sincronia com a música, constituem uma forma de narrativa expressiva que provoca inúmeras reações e sensações.” (LUCENA, 2012, p. 72).

A trilha foi escolhida a partir das preferências musicais de Brenda. Desta forma, o produto final contou com quatro músicas de Marisa Monte e uma de Geraldo Vandré cantada pela própria personagem. Gostaríamos de salientar a nossa atenção aos direitos autorais que envolvem as músicas da cantora citada e que o documentário, da forma como se apresenta, foi destinado apenas a avaliação da banca. Essa foi a alternativa que encontramos, visto que, como já relatado, tivemos um tempo menor do que o previsto para a produção, o desenvolvimento, a edição e a finalização do produto. Posteriormente à defesa, nós entramos em contato com a assessoria da cantora Marisa Monte e conseguimos a liberação das músicas para que o documentário fosse postado no *YouTube*. As letras de todas as músicas presentes neste produto estão disponíveis no anexo 3.

As canções selecionadas da cantora Marisa Monte foram:

1. Infinito Particular – vinheta, último bloco e créditos. A letra da canção nos motivou a utilizá-la para tal finalidade, uma vez que a mesma tem um teor bastante biográfico/auto descritivo.
2. Ainda bem – primeiro bloco. A música foi escolhida por sua melodia, o que conferiu dinamicidade a esta parte do documentário.
3. O que se quer – introdução e finalização do terceiro bloco. A canção foi escolhida tanto pela letra que, assim como Infinito Particular, é marcada pela auto descrição, quanto pela melodia que conferiu a leveza que buscávamos para tal fração do documentário.
4. Vilarejo – quarto bloco. O trecho da música que foi evidenciado no momento de transição para o próximo bloco, teve a finalidade de reforçar o teor emotivo desta parte do documentário.

O trecho cantado por Brenda é da música “Disparada”, do cantor Geraldo Vandré. Segundo ela, a canção será usada como abertura de seu discurso na cerimônia de posse do cargo de vereadora da cidade de Viçosa.

Por fim, decidimos dividir o roteiro em blocos temáticos para facilitar a compreensão e conferir leveza aos 13 minutos e 50 segundos de duração do documentário, uma vez que acreditamos que estas característica trariam a atratividade necessária ao produto que será veiculado na plataforma de vídeos *YouTube*. Esta

decisão só pode ser tomada depois de todo o processo de escolha de quais trechos da fala de cada personagem entrariam, como uniríamos uns aos outros, quais imagens de *off* seriam melhores para ilustrar cada parte do documentário, qual a trilha seria inserida em cada momento, etc... Assim, tentamos fugir da estrutura narrativa canônica dos gêneros biográficos, pautados pela linearidade. Intercalamos assuntos como infância/adolescência com conquistas recentes feitas por Brenda na área da política.

No caso de documentários biográficos, em geral, o roteiro é escrito na fase de pós-produção, quando o cineasta tem à sua disposição todo o material reunido, oriundo das mais diversas fontes. Nesse sentido, o roteiro tem como objetivo orientar a montagem. Ele é resultado de um trabalho de decupagem do material bruto de filmagem, das imagens de arquivo, da seleção das fotos e outros documentos (CRUZ, 2011, p. 41 – 42).

Todo o trabalho e o cuidado envolvidos na produção, no desenvolvimento e na finalização foram cruciais para que o nosso olhar enquanto autoras, produtoras e diretoras deste documentário biográfico para a internet fosse transmitido da forma mais sensível, clara, concisa e humana possível.

Considerações Finais

Este Trabalho de Conclusão de Curso teve como objetivo a produção de um documentário biográfico para a internet sobre a vida e história de Brenda da Silva Santunioni. Através do formato escolhido, almejamos informar o público de uma maneira esclarecedora, precisa, jornalística, e, sobretudo, sensível e humana sobre a temática da transexualidade.

Acreditamos que esta foi uma experiência importante para a nossa formação como profissionais e como seres humanos. Enquanto jornalistas, envolvemo-nos com a pesquisa sobre o documentário, a biografia e a internet; sobre as questões de gênero e de sexualidade e as variadas denominações que envolvem o tema; sobre a transexualidade; e sobre a vida e a história da Brenda, buscando obter a maior riqueza de informações e detalhes possíveis para construirmos o produto final, visto que o tema escolhido é complexo e que não há uma única definição acerca da transexualidade.

Deparamo-nos com os desafios de desenvolver um produto audiovisual que transmitisse, verdadeiramente, o nosso olhar. Aliás, no que se refere à produção, tivemos outras diversas experiências que também contribuíram para o nosso amadurecimento enquanto jornalistas. Como já foi dito, Brenda candidatou-se à vereadora neste ano, o que limitou nossas gravações a fins de semana e reduziu o número de encontros que seriam necessários para que a nossa ideia de formato inicial – uma série-documentário biográfica para a internet – pudesse ser concluída em tempo hábil. Tendo que aproveitar o máximo do contato com a personagem principal em pouco tempo e atentando-nos para o formato final estabelecido, tivemos que dividir o trabalho em entrevistas (Graziele) e imagens (Lhaís). Além disso, durante os meses de gravação, outras fontes caíram por motivos já especificados no capítulo 3, um desafio a mais para que a abordagem de nosso documentário não se tornasse superficial ou incompleta. O trabalho em grupo também exigiu de nós um olhar reflexivo não só em relação ao tema, mas em relação às opiniões uma da outra, para que, após a edição final, nosso produto manifestasse de forma coesa e verdadeira o respeito de ambas pelas fontes e pela temática abordada.

Enquanto cidadãs, aprendemos, mais uma vez e de uma forma mais profunda, a olhar para o outro como nosso semelhante. Através de nosso documentário biográfico e de todo o estudo que o envolveu, reafirmamos nossa crença de que o sentido de

vivermos em sociedade está em sermos diferentes, plurais e complexos e respeitarmos uns aos outros. Esperamos que este trabalho cumpra a finalidade que destinamos a ele, servindo como uma fonte de informação interessante, clara e sensível para o público alvo. E, que, assim como nós, outras pessoas possam refletir sobre as normas e padrões sociais buscando um olhar mais abrangente sobre os mesmos: entender que nenhum de nós é rotulável. Somos complexos e, por vezes, indefiníveis. O que é considerado como estranho para uns, é normal para outros, de acordo com a cultura em que se está inserido. E para nós, não há estranheza ou normalidade, há pessoas. Há seres humanos.

Referências Bibliográficas

AFP. **Estudo prova que transexualidade não é transtorno psiquiátrico.** Site O Globo, 2016. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/sociedade/estudo-prova-que-transexualidade-nao-transtorno-psi-quiatrico-19805459>>. Acessado em 29 de outubro de 2016.

ANDERSON, C. **A cauda longa: do mercado de massa para o mercado de nicho.** tradução Afonso Celso da Cunha Serra. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006 – 5ª Reimpressão. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=Azimm30tFbUC&oi=fnd&pg=PA3&dq=A+cauda+longa:+do+mercado+d e+massa+para+o+mercado+de+nicho.++&ots=Npb2Btj0y&sig=KoxlDN1rCV_eVoWu Y9R2VOxJBF8#v=onepage&q=A%20cauda%20longa%3A%20do%20mercado%20de %20massa%20para%20o%20mercado%20de%20nicho.&f=false>. Acessado em 17 de maio de 2016.

ARAÚJO, M. S. de. **O amor de Cristo nos uniu: construções identitárias e mudança social em narrativas de vida de gays cristãos do grupo Diversidade Católica.** Viçosa, MG, 2014. Disponível em: <<http://www.locus.ufv.br/bitstream/handle/123456789/4887/texto%20completo.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acessado em 24 de outubro de 2016.

BELLINI, P. **O recorde que não queremos ter: somos o país que mais mata transexuais.** Super Interessante, 2016. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/comportamento/o-recorde-que-nao-queremos-ter-somos-o-pais-que-mais-mata-transexuais/>>. Acessado em 29 de outubro de 2016.

BENTO, B. **Na escola se aprende que a diferença faz a diferença.** Estudos Feministas, Florianópolis, 19(2): 336, p. 549-559, maio-agosto. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v19n2/v19n2a16>>. Acessado em 13 de outubro de 2016.

CAZARRÉ, M. **Com 600 mortes em seis anos, Brasil é o que mais mata travestis e transexuais.** Porto Alegre: Site Sul21, 2015. Disponível em: <<http://www.sul21.com.br/jornal/com-600-mortes-em-seis-anos-brasil-e-o-que-mais-mata-travestis-e-transexuais/>>. Acessado em 29 de outubro de 2016.

CRUZ, G. A. da. **A construção biográfica no documentário cinematográfico: uma análise de “Nelson Freire”, “Vinicius” e “Cartola” – música para os olhos.** 2011. Tese de mestrado em Cinema. Escola de Belas Artes - UFMG, Belo Horizonte.

Disponível em: http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/JSSS8LHFXQ/disserta__o_graziela.pdf?sequence=1>. Acessado em 19 de maio de 2016.

Departamento de ciências sociais inaugura banheiros sem demarcações de gênero. Viçosa: Site do Departamento de Ciências da Universidade Federal de Viçosa, 2016. Disponível em: <http://www.dcs.ufv.br/?noticias=departamento-de-ciencias-sociais-inaugura-banheiros-sem-demarcacoes-de-genero>>. Acessado em 14 de outubro de 2016.

DUARTE, L. Única candidata registrada como mulher eleita em viçosa é transexual. Juiz de Fora: Site G1, 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/mgtv-1edicao/videos/v/unica-candidata-registrada-como-mulher-eleita-em-vicosa-e-transexual/5352120/>>. Acessado em 14 de outubro de 2016.

Enem 2015: Transexuais podem pedir para usar nome social até esta sexta. São Paulo: Site G1, 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/educacao/enem/2015/noticia/2015/06/enem-2015-transexuais-podem-pedir-para-usar-nome-social-ate-esta-sexta.html>>. Acessado em 07 de junho de 2016.

Facebook libera usuário para definir gênero além de masculino e feminino. São Paulo: Site G1, 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2014/02/facebook-libera-usuario-para-definir-genero-alem-de-masculino-e-feminino.html>>. Acessado em 07 de junho de 2016.

FRANCISCHI, A. 10 séries e filmes com personagens transgênero que você precisa assistir. Blog Proza Livre, 2016. Disponível em: <http://prosalivre.com/10-series-e-filmes-com-personagens-transgeneros-assistir/>>. Acessado em 20 de junho de 2016.

HERMANN, L. A convergência midiática e as mudanças de nicho: Netflix e a desmaterialização dos produtos. ANIMUS - Revista Interamericana de Comunicação Midiática. Santa Maria, v. 11, n. 22, p. 222-245, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/animus/article/view/7080/pdf>>. Acessado em 17 de maio de 2016.

JANNUZZI, F. Panorama da distribuição do conteúdo audiovisual no Brasil e as suas novas janelas: estudo de caso da Netflix. Monografia de especialização em Comunicação Digital. Escola de Comunicação e Artes – USP, São Paulo, 2012. Disponível em: <http://grupo-ecausp.com/digicorp/wp-content/uploads/2014/03/FELIPE-JANNUZZI1.pdf>>. Acessado em 15 de maio de 2016.

JESUS, J. G. de. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos.** Jaqueline Gomes de Jesus. Brasília, 2012. Disponível em: <<http://www.diversidadesexual.com.br/wp-content/uploads/2013/04/G%C3%8ANERO-CONCEITOS-E-TERMOS.pdf>>. Acessado em 16 de outubro de 2016.

LOURO, G. L. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Revista Pro-Posições.** Rio Grande do Sul, v. 19, n. 2(56), p. 17-23, maio/agosto. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pp/v19n2/a03v19n2>>. Acessado em 17 de maio de 2016.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas.** Andep: Caxambu, Minas Gerais, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/edur/n46/a08n46>>. Acessado em 17 de maio de 2016.

LUCENA, L. C. **Como fazer documentários: conceito, linguagem e prática de produção.** São Paulo: Summus, 2012.

MELO, C. T. V. de. **O documentário como gênero audiovisual.** *Comum. Inf. Goiás*, v. 5, n. 1/2, p. 25-40, jan./dez. 2002.

MOLETTA, A. **Criação de curta-metragem em vídeo digital: uma proposta para produções de baixo custo.** 3. ed. – São Paulo: Summus, 2009.

PROCÓPIO, M. R. **Caracterização do universo das narrativas biográficas sob uma perspectiva discursiva. In: Estudos sobre narrativas em diferentes materialidades discursivas na visão da Análise do Discurso.** MACHADO, Ida Lucia. MELO, Mônica Santos de Souza. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, FALE/UFMG, 2016. p. 299-325.

RIBEIRO, F. **Estreia hoje liberdade de gênero, série documental do gnt sobre transexualidade.** Site Adoro Cinema, 2016. Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/noticias/series/noticia-125197/>>. Acessado em 20 de outubro de 2016.

SOARES, S. J. P. **Documentário e roteiro de cinema: da pré-produção à pós-produção.** Campinas, SP: [s.n.], 2007. Disponível em: <http://www.renatodelmanto.com.br/casper/Roteiro_de_Documentario_SergioJosePuccini_Unicamp.pdf>. Acessado em 10 de setembro de 2016.

Spotify lança categoria orgulho lgbt. Site Adnews, 2016. Disponível em: <<http://adnews.com.br/internet/spotify-lanca-categoria-orgulho-lgbtq.html>>. Acessado em 24 de junho de 2016.

VIEIRA, I. **Colégio federal no rio é o primeiro a aceitar nome social de alunos.** Rio de Janeiro: Site Agência Brasil, 2016. Disponível em:

<<http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2016-05/colégio-federal-no-rio-e-o-primeiro-aceitar-nome-social-de-alunos>>. Acessado em 07 de junho de 2016.

VILAS BOAS, S. **Biografias e biógrafos: jornalismo sobre personagens**. São Paulo: Summus, 2002.

VILAS BOAS, S. **Biografismo: reflexões sobre as escritas da vida**. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

Anexo 1 – Termos inclusivos

As denominações e explicações aqui apresentadas foram retiradas do Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros para formadores de opinião – Orientações sobre Identidade de Gênero: Conceitos e Termos – de Jaqueline de Jesus (2012), páginas 23 – 31.

TERMOS INCLUSIVOS

Escrever ou falar conforme um vocabulário reconhecido pelas pessoas representadas é essencial para valorizar a cidadania. Com relação a travestis e transexuais, é comum o uso de expressões que levam a concepções errôneas sobre a vivência e os desafios dessas pessoas.

Reforçando: com relação a pronomes, as pessoas transgênero devem ser tratadas de acordo com o gênero com o qual se identificam. Se você não está certo(a) quanto ao gênero da pessoa, pode perguntar, respeitosamente, como ela prefere ser tratada, e tratá-la dessa forma.

A partir da próxima página é apresentado um glossário de termos considerados inclusivos, por representarem adequadamente o cotidiano de homens e mulheres transexuais, de travestis e outras pessoas transgênero, buscando-se representar minimamente, e com didática, a sua diversidade identitária, incluindo conceitos relacionados a gênero e orientação sexual.

Glossário de termos inclusivos:

- **Gênero**

Classificação pessoal e social das pessoas como homens ou mulheres. Orienta papéis e expressões de gênero. Independe do sexo.

- **Sexo**

Classificação biológica das pessoas como machos ou fêmeas, baseada em características orgânicas como cromossomos, níveis hormonais, órgãos reprodutivos e genitais. Ao contrário da crença popular, reiterada em diferentes discursos, a categoria sexo não se configura como uma dualidade simples e fixa entre indivíduos deste e daquele sexo (binarismo ou dimorfismo sexual), mas, isso sim, como um contínuo complexo de características sexuais.

- **Expressão de gênero**

Forma como a pessoa se apresenta, sua aparência e seu comportamento, de acordo com expectativas sociais de aparência e comportamento de um determinado gênero. Depende da cultura em que a pessoa vive.

- **Identidade de gênero**

Gênero com o qual uma pessoa se identifica, que pode ou não concordar com o gênero que lhe foi atribuído quando de seu nascimento. Diferente da sexualidade da pessoa. Identidade de gênero e orientação sexual são dimensões diferentes e que não se confundem. Pessoas transexuais podem ser heterossexuais, lésbicas, gays ou bissexuais, tanto quanto as pessoas cisgênero.

- **Papel de Gênero**

Modo de agir em determinadas situações conforme o gênero atribuído, ensinado às pessoas desde o nascimento. Construção de diferenças entre homens e mulheres. É de cunho social, e não biológico.

- **Cisgênero**

Conceito “guarda-chuva” que abrange as pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi determinado quando de seu nascimento.

- **Transgênero**

Conceito “guarda-chuva” que abrange o grupo diversificado de pessoas que não se identificam, em graus diferentes, com comportamentos e/ou papéis esperados do gênero que lhes foi determinado quando de seu nascimento.

- **Intersexual**

Pessoa cujo corpo varia do padrão de masculino ou feminino culturalmente estabelecido, no que se refere a configurações dos cromossomos, localização dos órgãos genitais (testículos que não desceram, pênis demasiado pequeno ou clitóris muito grande, final da uretra deslocado da ponta do pênis, vagina ausente), coexistência de tecidos testiculares e de ovários. A intersexualidade se refere a um conjunto amplo de variações dos corpos tidos como masculinos e femininos, que engloba, conforme a denominação médica, hermafroditas verdadeiros e pseudo-hermafroditas.

O grupo composto por pessoas intersexuais tem-se mobilizado cada vez mais, a nível mundial, para que a intersexualidade não seja entendida como uma patologia, mas como uma variação, e para que não sejam submetidas, após o parto, a cirurgias ditas

“reparadoras”, que as mutilam e moldam órgãos genitais que não necessariamente concordam com suas identidades de gênero ou orientações sexuais.

- **Orientação sexual**

Atração afetivossexual por alguém. Vivência interna relativa à sexualidade. Diferente do senso pessoal de pertencer a algum gênero.

- **Assexual**

Pessoa que não sente atração sexual por pessoas de qualquer gênero.

- **Bissexual**

Pessoa que se atrai afetivo-sexualmente por pessoas de qualquer gênero.

- **Heterossexual**

Pessoa que se atrai afetivo-sexualmente por pessoas de gênero diferente daquele com o qual se identifica.

- **Homossexual**

Pessoa que se atrai afetivo-sexualmente por pessoas de gênero igual àquele com o qual se identifica.

- **Crossdresser**

Pessoa que frequentemente se veste, usa acessórios e/ou se maquia diferentemente do que é socialmente estabelecido para o seu gênero, sem se identificar como travesti ou transexual. Geralmente são homens heterossexuais, casados, que podem ou não ter o apoio de suas companheiras.

- **Transexual**

Termo genérico que caracteriza a pessoa que não se identifica com o gênero que lhe foi atribuído quando de seu nascimento. Evite utilizar o termo isoladamente, pois soa ofensivo para pessoas transexuais, pelo fato de essa ser uma de suas características, entre outras, e não a única. Sempre se refira à pessoa como **mulher** transexual ou como **homem** transexual, de acordo com o gênero com o qual ela se identifica.

- **Homem transexual**

Pessoa que reivindica o reconhecimento social e legal como homem. Alguns também se denominam *transhomens* ou *Female-to-Male* (FtM).

- **Mulher transexual**

Pessoa que reivindica o reconhecimento social e legal como mulher. Algumas também se denominam *transmulheres* ou *Male-to-Female* (MtF).

- **Travesti**

Pessoa que vivencia papéis de gênero feminino, mas não se reconhece como homem ou mulher, entendendo-se como integrante de um terceiro gênero ou de um não-gênero. Referir-se a ela sempre no feminino, o artigo “a” é a forma respeitosa de tratamento.

- **Transformista** ou *Drag Queen/Drag King*

Artista que se veste, de maneira estereotipada, conforme o gênero masculino ou feminino, para fins artísticos ou de entretenimento. A sua personagem não tem relação com sua identidade de gênero ou orientação sexual.

- **Queer, ou Andrógino ou Transgênero**

Termo ainda não consensual com o qual se denomina a pessoa que não se enquadra em nenhuma identidade ou expressão de gênero.

- **Binarismo**

Também denominado como “dimorfismo sexual”. Crença, construída ao longo da história da humanidade, em uma dualidade simples e fixa entre indivíduos dos sexos feminino e masculino. Quando essa ideia está associada à de que existiria relação direta entre as categorias sexo (biológica) e gênero (psicossocial), incorre-se no cissexismo.

- **Cissexismo**

Ideologia, resultante do binarismo ou dimorfismo sexual, que se fundamenta na crença estereotipada de que características biológicas relacionadas a sexo são correspondentes a características psicossociais relacionadas a gênero. O cissexismo, ao nível institucional, redundando em prejuízos ao direito à auto-expressão de gênero das pessoas, criando mecanismos legais e culturais de subordinação das pessoas cisgênero e transgênero ao gênero que lhes foi atribuído ao nascimento. Para as pessoas trans em particular, o cissexismo invisibiliza e estigmatiza suas práticas sociais.

- **Estereótipo**

Imagem fixa e preconcebida acerca de algo ou alguém. É o fundamento das crenças e dos preconceitos.

- **Preconceito**

Juízo preconcebido acerca de algo ou alguém, com base em estereótipos. Predispõe a determinadas atitudes com relação ao objeto do preconceito, que pode ou não se manifestar na forma de discriminação.

- **Discriminação**

Comportamento de fundo preconceituoso com relação a algo ou alguém.

- **Transfobia**

Preconceito e/ou discriminação em função da identidade de gênero de pessoas transexuais ou travestis. Não confundir com homofobia.

- **Homofobia**

Medo ou ódio com relação a lésbicas, gays, bissexuais e, em alguns casos, a travestis, transexuais e intersexuais, fundamentado na percepção, correta ou não, de que alguém vivencia uma orientação sexual não heterossexual.

- **Heteronormatividade** ou **Heterossexualidade Compulsória**

Crença na heterossexualidade como característica do ser humano “normal”. Desse modo, qualquer pessoa que saia desse padrão é considerada fora da norma, o que justificaria sua marginalização.

- **Despatologização**

Conceito introduzido por uma campanha internacional pela exclusão da transexualidade, da travestilidade e das manifestações de gênero escapam à noção binária homem/mulher da Classificação Diagnóstica e Estatística de Doenças – CID, da Organização Mundial de Saúde, e do Manual Diagnóstico e Estatístico das Doenças Mentais – DSM, da Associação Psiquiátrica Americana. Em nível nacional, a campanha se estende à reformulação do processo transexualizador no Sistema Único de Saúde, tendo em vista a adoção de uma concepção de saúde que reconheça a pluralidade de identidades de gênero como uma manifestação natural dos seres humanos e que atenda as demandas das pessoas trans sem a necessidade de condicionar esse atendimento a um diagnóstico psiquiátrico e/ou psicológico.

- **Processo Transexualizador**

Processo pelo qual a pessoa transgênero passa, de forma geral, para que seu corpo adquira características físicas do gênero com o qual se identifica. Pode ou não incluir tratamento hormonal, procedimentos cirúrgicos variados (como mastectomia, para homens transexuais) e cirurgia de redesignação genital/sexual ou de transgenitalização.

- **Cirurgia de redesignação genital/sexual** ou **de transgenitalização**

Procedimento cirúrgico por meio do qual se altera o órgão genital da pessoa para criar uma neovagina ou um neofalo. Preferível ao termo antiquado “mudança de sexo”. É importante, para quem se relaciona ou trata com pessoas transexuais, não enfatizar exageradamente o papel dessa cirurgia em sua vida ou no seu processo transexualizador, do qual ela é apenas uma etapa, que pode não ocorrer.

- **LGBT**

Acrônimo de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. Eventualmente algumas pessoas utilizam a sigla GLBT, ou mesmo LGBTTT, incluindo as pessoas transgênero/*queer*. No Chile é comum se utilizar TLGB, em Portugal também se tem utilizado a sigla LGBTTTQI, incluindo pessoas *queer* e intersexuais. Nos Estados Unidos se encontram referências a LGBTTTQIA (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Travestis, Transexuais, *Queer*, Intersexuais e Assexuais).

- **Nome social**

Nome pelo qual as travestis e pessoas transexuais se identificam e preferem ser identificadas, enquanto o seu registro civil não é adequado à sua identidade e expressão de gênero.

- **Transfeminismo**

Também denominado feminismo transgênero. Linha de pensamento e movimento de cunho feminista que reconhece o direito à autodeterminação das identidades de gênero das pessoas transgênero e cisgênero, o poder exclusivo dos indivíduos sobre os seus próprios corpos e a interseção entre as variadas identificações dos sujeitos.

Por meio do pensamento transfeminista se entende que o gênero é uma categoria distinta da de sexo, e mais importante do que esta para se compreender os corpos e as relações sociais entre homens e mulheres. A prática do transfeminismo com relação à mulheres, em particular, corresponde à constatação de que a liberação das mulheres trans está intrinsecamente ligada à liberação de todas as mulheres.

- **Orgulho**

Antônimo de vergonha. Conceito desenvolvido pelo movimento social LGBT para propagar a ideia de que a forma de ser de cada pessoa é uma dádiva que a aproxima de comunidades com características semelhantes às suas, e deve ser afirmada como diferença que não se altera, não deveria ser reprimida nem recriminada.

Referência Bibliográfica

JESUS, J. G. de. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos.** Jaqueline Gomes de Jesus. Brasília, 2012. p. 23 – 31. Disponível em: <<http://www.diversidadesexual.com.br/wp-content/uploads/2013/04/G%C3%8ANERO-CONCEITOS-E-TERMOS.pdf>>. Acessado em 16 de outubro de 2016.

Anexo 2 - Roteiro deste documentário biográfico para a internet

ROTEIRO – BRENDA. Um documentário biográfico sobre transexualidade

PRODUÇÃO, ENTREVISTA, CINEGRAFIA, OPERAÇÃO ÁUDIO E LUZ,
ROTEIRO, EDIÇÃO – GRAZIELE OLIVEIRA E LHAÍS CARVALHO

FONTES – BRENDA SANTUNIONI, EDUARDO SIMONINI, SACARLET
LOURENÇO

MINUTAGEM TOTAL – 13:50

ÁUDIO	VÍDEO
<p>CÂMERA: CLOSE UP - BRENDA 00:00 – 00:10</p>	<p>“PREPARE O SEU CORAÇÃO PARA AS COISAS QUE EU VOU FALAR. EU VENHO LÁ DO SERTÃO, EU VENHO LA DO SERTÃO, E POSSO NÃO E AGRADAR.”</p>
<p>CÂMERA: ABERTA E PRIMEIRO PLANO – SCARLET 00:12 – 00:26 TRILHA INSTRUMENTAL: INFINITO PARTICULAR (MARISA MONTE)</p>	<p>“O APELIDO QUE ELA TEM, QUE AS PESSOAS A CHAMAM MUITO, AS PESSOAS MAIS PRÓXIMAS, É BRENDINHA. MAS, EU SEMPRE A CHAMO POR NOME MESMO: BRENDA. PORQUE ELA AMA ESSE NOME, NÉ? ENTÃO QUANTO MAIS EU FALAR ESSE NOME, MELHOR PARA ELA.”</p>
<p>CÂMERA: ABERTA, DETALHE E CLOSE UP 00:27 – 00:32 TRILHA INSTRUMENTAL: INFINITO PARTICULAR (MARISA MONTE)</p>	<p>“MEU NOME É BRENDA DA SILVA SANTUNIONI. EU MESMA ESCOLHI MEU NOME.”</p>
<p>VINHETA TÍTULO: BRENDA TRILHA: INFINITO PARTICULAR (MARISA MONTE) 00:33 – 01:26</p>	<p>VINHETA</p>
<p>CÂMERA: DETALHE E PRIMIERO PLANO – BRENDA GC: BRENDA SANTUNIONI TRILHA INSTRUMENTAL: AINDA BEM (MARISA MONTE) 01:27 – 01:36</p>	<p>“BRENDA ERA O NOME DE UMA PROTAGONISTA DE UM SERIADO QUE PASSAVA NA TV. EU GOSTEI DA SONORIDADE. NÃO ME IDENTIFIQUEI COM A PERSONAGEM NÃO, SÓ GOSTEI DA</p>

<p>CENA DE “BARRADOS NO BAILE” DIÁLOGO ENTRE PERSONAGEM BRENDA E OUTRA PERSONAGEM GC: SÉRIE DE TV “BARRADOS NO BAILE” (BEVERLY HILLS, 90210) 01:37 – 01:49</p> <p>CÂMERA: ABERTA E DETALHE - BRENDA TRILHA INSTRUMENTAL: AINDA BEM (MARISA MONTE) 01:50 – 02:08</p> <p>TRANSIÇÃO DE BLOCO: IMAGENS DE OFF DE BRENDA SOBE SOM: TRILHA INSTRUMENTAL – AINDA BEM (MARISA MONTE) 02:09 – 02:14</p> <p>CABEÇA DA REPORTAGEM SOBRE BRENDA TER SIDO ELEITA PARA VEREADORA NAS ELEIÇÕES MUNICIPAIS 2016 GC: MGTV 1ª EDIÇÃO (EXIBIDO EM 04/10/2016) 02:15 – 02:36</p> <p>CÂMERA: CLOSE UP E PRIMEIRO PLANO – BRENDA TRILHA INSTRUMENTAL: AINDA BEM (MARISA MONTE) 02:37 – 03:23</p>	<p>SONORIDADE E COLOQUEI.”</p> <p>CENA DE “BARRADOS NO BAILE”</p> <p>“SÓ A PARTIR DOS 12 ANOS QUE EU FUI TER NOÇÃO DE QUE EU NÃO ERA IGUAL AOS MENINOS, QUE EU ME IDENTIFICAVA COM AS MENINAS. MAS, DAÍ, SABER O QUE ERA TRANSEXUALIDADE, SE EU ERA GAY... O QUE EU ERA... ISSO FOI LÁ PELOS 14 A 15 ANOS.”</p> <p>TRANSIÇÃO DE BLOCO</p> <p>CABEÇA DA REPORTAGEM SOBRE BRENDA TER SIDO ELEITA PARA VEREADORA NAS ELEIÇÕES MUNICIPAIS 2016</p> <p>“A POLÍTICA, ESTE ANO, MOSTROU QUE NÓS TIVEMOS VÁRIOS GAYS E LÉSBICAS CANDIDATOS AQUI EM VIÇOSA. NO MEU DISCURSO, NA RÁDIO MONTANHESA, NO DIA DA ELEIÇÃO, EU FALEI: ‘EU SOU DA PERIFERIA, MAS EU QUERO ESTAR NOS CONDOMÍNIOS DE CLASSE ALTA PORQUE ELES TAMBÉM PRECISAM DAS AÇÕES DA CÂMARA.’ ENTÃO, É PRA TODO MUNDO. QUEM GERA EMPREGO NESSE PAÍS? É QUEM TEM O PODER AQUISITIVO MAIOR. COMO QUE A GNETE VIRA A CARA PRA ELES E FALA QUE SÓ VAI FAZER PARA O</p>
---	---

<p>TRANSIÇÃO DE BLOCO: IMAGEM DE OFF DA BRENDA SOBE SOM: TRILHA INSTRUMENTAL – AINDA BEM (MARISA MONTE) 03:24 – 03:27</p> <p>CÂMERA: ABERTA, DETALHE, IMAGEM DE OFF (ARQUIVO PESSOAL DE BRENDA; IMAGENS DA INTERNET), PRIMEIRO PLANO – BRENDA 03:28 – 04:39</p>	<p>POBRE? MENTIRA! A GENTE TEM QUE FAZER TAMBÉM, CLARO! O POBRE ESTÁ ANOS LUZ DE DIFERENÇA DOS CONDOMÍNIOS DE CLASSE ALTA. EU QUERO FAZER ELES CHEGAREM LÁ, MAS SEM SAIR DO BAIRRO. EU LEVEI O NOME DE VIÇOSA PARA UM CENÁRIO MAIS ABRANGENTE POSITIVAMENTE. E QUEM LEVA É A TRANSEXUAL."</p> <p>TRANSIÇÃO DE BLOCO</p> <p>“EU TINHA VONTADE DE VESTIR ROUPA DE MULHER, EU TINHA VONTADE DE PASSAR MAQUIAGEM. EU NÃO GOSTAVA MAIS NESSA ÉPOCA DE 12 A 13 ANOS DAS COISAS QUE OS MENINOS FAZIAM. MESMO SENDO MUITO NOVA, EU JÁ FAZIA SEXO COM OS MENINOS. EU ACHAVA QUE ERA NATURAL, QUE TUDO O QUE ESTAVA ACONTECENDO ALI ERA NATURAL, QUE NÃO TINHA PROBLEMA MESMO EU SENDO MUITO NOVA E ELES ALGUNS MAIS VELHOS. E, SÓ DEPOIS QUE A FICHA CAIU DISSO TUDO. SÓ DEPOIS QUE EU VI COMO EU FUI USADA, COMO EU NÃO PODIA TER FEITO ISSO NA ÉPOCA, COMO AS CRIANÇAS TEM QUE SER CONSERVADAS, PRESERVADAS DESSE TIPO DE AÇÃO. SÓ QUE NAQUELA ÉPOCA SÓ EXISTIA, NUM LINGUAJAR MUITO POPULAR, VIADO. SE NÃO ERA HOMEM ERA VIADO E PONTO FINAL. E EU MORAVA NO INTERIOR, LONGE DE TUDO. E NÃO SE FALAVA ISSO NA FAMÍLIA, NÃO SE FALAVA ISSO NA TELEVISÃO. AÍ SURTIU O FENÔMENO ROBERTA CLOSE, SÓ SE</p>
---	--

<p>TRANSIÇÃO DE BLOCO: IMAGEM DE OFF DE BRENDA SOBE SOM: TRILHA INSTRUMENTAL – O QUE SE QUER (MARISA MONTE) 04:40 – 04:48</p> <p>CÂMERA: ABERTA, DETALHE – SCARLET GC: SCARLET LOURENÇO – AMIGA DA BRENDA 04:49 – 04:57</p> <p>CÂMERA: ABERTA E DETALHE – BRENDA 04:58 – 05:09</p> <p>CÂMERA: PRIMEIRO PLANO – EDURDO GC: EDUARDO SIMONINI – PSICÓLOGO E COLEGA DA BRENDA 05:10 – 05:36</p> <p>CÂMERA: DETALHE, PRIMEIRO PLANO – BRENDA 05:37 – 05:55</p>	<p>FALAVA NISSO. E, ELA TINHA SIDO ENTRE ASPAS ‘A MAIOR ABERRAÇÃO DO MUNDO’, ELA MESMA CONTA ISSO NO LIVRO DELA. FOI AÍ QUE EU COMECEI A PERCEBER O QUE EU ERA, A TER UM PADRÃO DE IDENTIFICAÇÃO.”</p> <p>TRANSIÇÃO DE BLOCO</p> <p>“QUANDO ELA CHEGOU EM VIÇOSA, ELA CHEGOU, ASSIM, DO NADA. ELA VEIO PASSEAR COM UM AMIGO DELA, QUE ELES ESTUDAVAM JUNTOS EM RIO POMBA.”</p> <p>“QUANDO EU SAÍ DE CASA AOS 14 ANOS PARA ESTUDAR EM RIO POMBA, EU FUI VER UM OUTRO MUNDO, OUTRAS FORMAS DE SEXUALIDADE, DE AMOR, DE TRANSFORMAÇÃO DE CORPO.”</p> <p>“QUANDO UM TRANSEXUAL, ELE SE VÊ EFETIVAMENTE FEMININO... MEU CORPO É MASCULINO, MAS EMOCIONALMENTE, PSIQUICAMENTE EU SOU FEMININO, ELE VAI TENTAR MUDAR ESSE CORPO, SABE? O COPRO VAI SER FABRICADO, MAS VAI SER FABRICADO DE UMA MANEIRA QUE ELE PODE COLOCAR CIRURGIAS, ELE PODE TRABALHAR COM HORMÔNIOS.”</p> <p>“EU CHEGO A LEMBRAR DE UM MONENTO, NO DIA EM QUE TEVE UM ALMOÇO DE CONFRATERNIZAÇÃO. ELES COLOCAVAM AS MESAS DO REFEITÓRIO EM POSIÇÃO DIFERENTE... NÃO LEMBRO QUE</p>
--	--

	<p>COMEMORAÇÃO QUE ERA. E DO MEU LADO NÃO CENTOU NINGUÉM. EU COMECEI A PERCEBER O QUE QUE ERA, O QUE EU IA ENFRENTAR NO MUNDO QUANDO EU SAÍSSE DALI. EU NÃO QUERIA MAIS VOLTAR PRA A CASA DA MINHA MÃE.”</p>
<p>CÂMERA: DETALHE – SCARLET 05:56 – 06:01</p>	<p>“EU ACHEI AQUILO MUITO BONITO: A ATITUDE E A CORAGEM DELA DE VIR PRA VIÇOSA SEM CONHECER NINGUÉM.”</p>
<p>CÂMERA: DETALHE, CLOSE UP – BRENDA 06:02 – 06:14</p>	<p>“E AÍ VIM, NO DIA 16 DE MAIO DE 1996, MINHA MUDANÇA COUBE NUMA KOMBI, E VIM, E DAQUI NÃO SAÍ MAIS.”</p>
<p>TRANSIÇÃO DE BLOCO – IMAGEM DE OFF DE BRENDA SOBE SOM: TRILHA INSTRUMENTAL – O QUE SE QUER (MARISA MONTE) 06:15 – 06:21</p>	<p>TRANSIÇÃO DE BLOCO</p>
<p>CÂMERA: PRIMEIRO PLANO E IMAGENS DE OFF (ARQUIVO PESSOAL DE BRENDA) – EDUARDO 06:22 – 06:44</p>	<p>“EM 1997, 1998, BRENDA ESTAVA COMEÇANDO A SER CONHECIDA AQUI EM VIÇOSA. ELA ESTAVA ORGANIZANDO A REVISTA LÓGICA E NA EDIÇÃO DE ANIVERSÁRIO DE UM ANO ELA ME PEDIU DOIS ARTIGOS, EU ESCREVI OS DOIS ARTIGOS.”</p>
<p>CÂMERA: CLOSE UP – BRENDA 06:45 – 06:48</p>	<p>“CRIEI A REVISTA LÓGICA, VENDIA ELA DE PORTA EM PORTA.”</p>
<p>CÂMERA: ABERTA, PRIMEIRO PLANO E IMAGENS DE OFF (ARQUIVO PESSOAL DE BRENDA) 06:49 – 07:14</p>	<p>“ELA FOI CHEGANDO NA CIDADE E FOI AQUELA REVOLUÇÃO: TODO MUNDO SÓ FALAVA NA BRENDA. ELA JÁ ERA RADIALISTA, NA 95 FM, TINHA UM PROGRAMA QUE CHAMAVA-SE ‘BABADO’. MAS EU ACHO QUE SE ELA PRECISASSE VIR A TRABALHAR NO COMÉRCIO, ELA TERIA UMA BOA ACEITAÇÃO POR ELA SER QUEM ERA: BRENDA, SUPER JÁ CONHECIDA E QUE AS PESSOAS JÁ TINHAM UM CERTO</p>

**CÂMERA: ABERTA, CLOSE UP E
DETALHE – BRENDA
TRILHA: VILAREJO (MARISA
MONTE)
07:15 – 08:56**

CONCEITO DA VIDA DELA.”

“QUANDO EU SOFRI UM ACIDENTE DE CARRO AQUI... MINHAS AMIGAS CONTAM QUE FORAM ACIONADAS IMEDIATAMENTE. ENTÃO, ELAS FORAM. CHEGANDO LÁ, EU JÁ ESTAVA SENDO SOCORRIDA E O BOMBEIRO FALOU: ‘GENTE, EU NÃO ESTOU ENTENDENDO. VOCÊS ESTÃO AÍ FALANDO ELA, ELA, ELA, ELA, MAS EU ESTOU COM O DOCUMENTO AQUI, É ELE.. VOCÊS PODEM ME EXPLICAR O QUE ESTÁ ACONTECENDO?’. AÍ QUE ELAS FORAM EXPLICAR PRO BOMBEIRO... POLÍCIA RODOVIÁRIA... O BOMBEIRO QUE ME SOCORREU ERA DAQUI DE VIÇOSA E JÁ ME CONHECIA COMO BRENDA ... POLÍCIA RODOVIÁRIA. AÍ ELE PEDIU A ELAS ‘VOCÊS VÃO ME DESCULPAR, MAS EU NÃO TENHO COMO FICAR CHAMANDO... VOCÊS ASSINEM AQUI COMO O NOME QUE ESTÁ AQUI’. AÍ ELAS FALARAM ‘ NÃO, NÃO TEM PROBLEMA NÃO...AGORA DOS MALES, ESTE É O MENOR.’ AÍ POR EXEMPLO, VOU PRO HOSPITAL E O PESSOAL DO HOSPITAL VAI LÁ NO MEU QUARTO E FALA ‘Ô BRENDA, LÁ TÁ CONSTANDO O SEU NOME DE BATISMO, MAS A GENTE COLOCOU BRENDA ENTRE PARÊNTESES PARA AS PESSOAS PODEREM TE IDENTIFICAR, SE NÃO, NÃO ACHAM. ENTÃO, SÃO TANTOS MIMOS QUE O NOME, VOLTANDO AO NOME, FAZ TAMBÉM COM QUE OUTRAS PESSOAS FAÇAM UM TRABALHO ENORME PRA ME PROTEGER. ENTÃO, COMO NÃO GOSTAR DE UMA CIDADE DESSA, NÉ? É UM CARINHO ENORME! É UM CARINHO ENORME QUE A CIDADE TEM POR MIM. ENTÃO, NÃO FOI ATOA QUE EU VIM AQUI NÃO. ADORO VIÇOSA. AONDE EU ENCONTRARIA ISSO NO

<p>TRANSIÇÃO DE BLOCO: IMAGEM DE OFF DE BRENDA SOBE SOM – TRILHA: VILAREJO (MARISA MONTE) 08:57 – 09:03</p> <p>CÂMERA: DETALHE – SCARLET 09:04 – 09:19</p> <p>CÂMERA: PRIMEIRO PLANO – EDUARDO 09:20 – 09:40</p> <p>CÂMERA: DETALHE – SCARLET 09:41 – 09:50</p> <p>CÂMERA: ABERTA, PRIMEIRO PLANO E IMAGENS DE OFF (ARQUIVO PESSOAL DE BRENDA)</p>	<p>MUNDO? ACHO QUE EU NÃO ENCONTRARIA ISSO EM LUGAR NENHUM, NEM NA MINHA CIDADE. ENTÃO, EU DEVO MUITO A VIÇOSA. E ME SINTO FELIZ, NÉ? PORQUE TANTA GENTE QUE VEM ATRÁS DE MIM NA MESMA CONDIÇÃO, HOJE, JÁ É CONSIDERADA NORMAL, NÃO VAI PRECISAR DE PASSAR PELO QUE EU PASSEI.”</p> <p>TRANSIÇÃO DE BLOCO</p> <p>“EU ACHO QUE A TRANSEXUALIDADE NÃO É TRANSTORNO MENTAL. EU ACHO QUE VOCÊ JÁ NASCE COM AQUELA ESSÊNCIA. VOCÊ JÁ NASCE COM AQUELA... NÃO DIGAMOS NEM QUE SEJA VONTADE, PORQUE SE FOSSE OLHAR PELA VONTADE, VOCÊ NÃO PEDIRIA PARA NASCER DIFERENTE, NÉ?”</p> <p>“NÃO TEM NENHUMA AVALIAÇÃO, EXISTE. (SE EXISTE EU DESCONHEÇO E QUESTIONARIA) QUE DEFINE QUE UMA PESSOA É HOMEM OU MULHER, SABE? VOCÊ TEM UM UNIVERSO CULTURAL DE VALORES E DE POSTURAS QUE VÃO DEFINIR, MAS, SEMPRE O HOMEM E A MULHER É EM FUNÇÃO DA CULTURA E NÃO DE UM ESTADO PSÍQUICO ESPECÍFICO, ENTENDEU?”</p> <p>“JAMAIS! IMAGINA CHAMAR UMA PESSOA DE LOUCA PORQUE ELA QUER SER MULHER OU QUER SER HOMEM? DE JEITO NENHUM.”</p> <p>“ACHO QUE FALTA MAIS PARTICIPAÇÃO DOS TRANSEXUAIS, TANO MASCULINOS QUANTO</p>
---	---

<p>– BRENDA 09:51 – 10:15</p>	<p>FEMININOS DENTRO DOS MOVIMENTOS. ENTÃO, NÓS SOMOS MENOR NÚMERO, TALVEZ POR ISSO, SE SINTAM MENOS CONTEMPLADOS PELAS POLÍTICAS. EU TENHO QUE TER CONSCIÊNCIA DISSO: SOU UMA MULHER TRANSEXUAL. E EU NÃO VOU TER AS MESMAS LUTAS, AS MESMAS CONQUISTAS QUE A MULHER HETEROSEXUAL, QUE A MULHER LÉSBICA.”</p>
<p>CÂMERA: PRIMEIRO PLANO – EDUARDO 10:16 – 10: 26</p>	<p>“MUITOS TRANSEXUAIS NÃO CONSEGUEM ACOLHIMENTO ENTRE FEMINISTAS, POR EXEMPLO, OU ENTRE GRUPOS HOMOSSEXUAIS ESPECÍFICOS, NÃO HÁ NECESSARIAMENTE UM DIÁLOGO TRANQUILO.”</p>
<p>CÂMERA: ABERTA, DETALHE – BRENDA 10:27 – 10:48</p>	<p>“SÃO AS DIFERENÇAS BOAS QUE OS MOVIMENTOS TRAZEM E DENTRO DE UM MOVIMENTO EXISTEM DIVERSAS NUANCES, NÉ? POR ISSO AQUELA BANDEIRINHA DO ARCO-ÍRIS: CORES DIFERENTES QUE SE JUNTAM, UÉ! TÁ FALANDO TUDO! EU NÃO VOU QUERER SER IGUAL AS MULHERES HETEROS NÃO. SOU UMA MULHER TRANS, OLHA QUE LUXO! EU GOSTO DE SER, TÁ BOM!</p>
<p>CÂMERA: PRIMEIRO PLANO – EDUARDO 10:49 – 10:58</p>	<p>“A EXPERIÊNCIA SEXUAL HUMANA É PLURAL, SABE? VOCÊ NÃO PODE REDUZIR O SER HUMANO... O GÊNERO AO SEXO.”</p>
<p>CÂMERA: PRIMEIRO PLANO – BRENDA 10:59 – 11:11</p>	<p>“SABE O QUE QUE É? ESSE NEGÓCIO DE ENQUADRAR... AS LETRINHAS SÃO ÓTIMAS, MAS NA HORA DAS POLÍTICAS PÚBLICAS PRA ELAS. NA HORA DO POLICIAL CHEGAR NO B.O. E PERGUNTAR: ‘QUAL A SUA ORIENTAÇÃO SEXUAL?’”</p>
<p>CÂMERA: DETALHE – SCARLET 11:12 – 11:19</p>	<p>“SE VOCÊ ESTÁ OLHANDO PRA UMA TRANSEXUAL, ELA ESTÁ</p>

<p>CÂMERA: CLOSE UP E PRIMEIRO PLANO – BRENDA 11:20 – 11:33</p>	<p>SUPER FEMININA, TEM TRAÇOS FEMININOS... QUAL É A DÚVIDA?”</p> <p>“AGORA VEM O ‘CIS’, O NÃO SEI O QUE LÁ. EU FICO, NA VERDADE, PERDIDA. E NEM SEI, NEM PROCURO SABER MUITO PORQUE SE NÃO, NÃO CONSIGO EXPLICAR ISSO PRA NINGUÉM. PORQUE EU TENTO O MÁXIMO POSSÍVEL EXPLICAR PRAS PESSOAS QUE NÓS SOMOS SERES HUMANOS.”</p>
<p>CÂMERA: ABERTA, DETALHE E PRIMEIRO PLANO – SCARLET INSERÇÃO DE TRILHA AO FINAL: INFINITO PARTICULAR (MARISA MONTE) 11:34 – 11:58</p>	<p>“É MUITO SIMPLES. EU ACHO QUE AS PESSOAS COMPLICAM DEMAIS A VIDA. AS PESSOAS VEEM COISAS ONDE NÃO TEM, NÉ? COLOCAM DEFEITO ONDE NÃO TEM. EU ACHO QUE O SER HUMANO, EM SI, NASCEI PRA SER FELIZ. INDEPENDENTE COM QUEM VIVE, O QUE FAZ. DESDE QUE NÃO PREJUDIQUE NINGUÉM, VÁ SER FELIZ.”</p>
<p>CÂMERA: CLOSE UP E PRIMEIRO PLANO – BRENDA TRILHA: INFINITO PARTICULAR (MARISA MONTE) 11:59 – 12:09</p>	<p>“ENTÃO, ASSIM, A BRENDA ERA O MENINO QUE SE SENTIA TRISTE NO CORPO DE MENINO, AÍ VIROU MULHER. PASSOU EM BAIXO DO ARCO-ÍRIS, QUALQUER COISA QUE QUISEREM FALAR.”</p>
<p>CÂMERA: DETALHE E PRIMEIRO PLANO – SCARLET TRILHA: INFINITO PARTICULAR (MARISA MONTE) 12:10 – 12:22</p>	<p>“ENTÃO, O TRANSEXUAL PARA SER TRANSEXUAL ELE TEM QUE FAZER CIRURGIA? PRA PODER SE ADEQUAR, REALMENTE, A SUA MENTE FEMININA? NEM SEMPRE!”</p>
<p>CÂMERA: PRIMEIRO PLANO – EDUARDO TRILHA: INFINITO PARTICULAR (MARISA MONTE) 12:23 – 12:33</p>	<p>“NO MOMENTO EM QUE ELA, JÁ DEFINE UM TERRITÓRIO PRA ELA, DEFINE UM LOCAL DE GÊNERO, ELA JÁ VAI MILITAR PELO DIREITO À FEMINILIDADE.”</p>
<p>CÂMERA: ABERTA, CLOSE UP E DETALHE – BRENDA TRILHA: INFINITO PARTICULAR (MARISA MONTE) 12:34 – 12:58</p>	<p>“CIRURGIA É UMA REALIZAÇÃO PESSOAL, ÍNTIMA, NÉ? QUEM PRECISA DE PASSAR VAI TER QUE PASSAR MESMO, SE NÃO, VAI VIVER NO SOFRIMENTO A VIDA</p>

<p>CRÉDITOS FINAIS CÂMERA: ABERTA, DETALHE IMAGEM DE OFF (ARQUIVO PESSOAL DE BRENDA) - BRENDA TRILHA: INFINITO PARTICULAR (MARISA MONTE) 13:00 – 13:22</p> <p>CRÉDITOS FINAIS CITAÇÃO DE BRENDA E LOGOS DO CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DA UFV, DO DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DA UFV E DA UFV. SOBRE SOM: TRILHA – INFINITO PARTICULAR (MARISA MONTE) 13:23 – 13:50</p>	<p>INTIERA. O DOCUMENTO É UMA COISA QUE TE EXPÕE. EU PRECISO DELE EM QUALQUER LUGAR. A COISA MAIS SIMPLES DO MUNDO, MAS O SUPRASSUMO DA DIGNIDADE. EU ADORO MOSTRAR, MANDAR PROS OUTROS, TIRAR XEROX. AGORA PRA TUDO QUE ELES PEDEM, EU MANDO MESMO, ATÉ AMPLIO O XEROX.”</p> <p>CRÉDITOS FINAIS “EU CONHECI A ROBERTA CLOSE, TROUXE ELA À VIÇOSA. E ELA TEM ESSA VIDA, NA EUROPA, DE DONA DE CASA, A DE ESTRELA FICOU NO BRASIL. E, PRAS TRANS, PRA ELAS QUEREREM FAZER ESSA VIDA, REALMENTE, VÃO TER QUE MUDAR DAQUI, PORQUE A NOSSA REALIDADE AINDA NÃO É ESSA. EU NUNCA VOU LEVR UMA VIDA COMUM, EM QUALQUER LUGAR QUE EU CHEGAR.”</p> <p>CRÉDITOS FINAIS</p>
--	--

Anexo 3 - Músicas escolhidas para comporem a trilha sonora deste produto e música cantada pela personagem principal

Cantora Marisa Monte:

1. Infinito Particular

Compositor: Arnaldo Antunes, Marisa Monte, Carlinhos Brown

Eis o melhor e o pior de mim
O meu termômetro o meu quilate
Vem, cara, me retrate
Não é impossível
Eu não sou difícil de ler
Faça sua parte
Eu sou daqui eu não sou de Marte
Vem, cara, me repara
Não vê, tá na cara, sou portabandeira
de mim
Só não se perca ao entrar
No meu infinito particular
Em alguns instantes
Sou pequenina e também gigante
Vem, cara, se declara
O mundo é portátil
Pra quem não tem nada a esconder
Olha minha cara
É só mistério, não tem segredo
Vem cá, não tenha medo
A água é potável
Daqui você pode beber
Só não se perca ao entrar
No meu infinito particular

2. Ainda Bem

Compositor: Marisa Monte e Arnaldo Antunes

Ainda bem	Quem diria que ao meu lado
Que agora encontrei você	Você iria ficar
Eu realmente não sei	Você veio pra ficar
O que eu fiz pra merecer	Você que me faz feliz
Você	Você que me faz cantar
Porque ninguém	Assim
Dava nada por mim	O meu coração já estava aposentado
Quem dava eu não tava a fim	Sem nenhuma ilusão
Até desacreditei	Tinha sido maltratado
De mim	Tudo se transformou
O meu coração	Agora você chegou
Já estava acostumado	Você que me faz feliz
Com a solidão quem diria	Você que me faz cantar assim
Que ao meu lado você iria ficar	Nanananana Nanananaanana...
Você veio pra ficar	Ainda Bem...
Você que me faz feliz	
Você que me faz cantar	
Assim	
O meu coração já estava aposentado	
Sem nenhuma ilusão	
Tinha sido maltratado	
Tudo se transformou	
Agora você chegou	
Você que me faz feliz	
Você que me faz cantar	
Assim	
Ainda bem	
Nanananana Nanananaanana...	
O meu coração	
Já estava acostumado	
Com a solidão	

3. O que se quer

Compositor: Marisa Monte e Rodrigo Amarante

Vá

Pode falar

Pode escrever

Eu vou me entregar

No meu lugar

Quem não faria

Diz que é loucura

Diz que é besteira

Mas eu não vou ligar

Não tente entender

E o tempo dirá

A sina é sonhar

Eu pago pra ver

Qual meu lugar

Que a vida é um dia

Um dia sem culpa

Um dia que passa

Aonde a gente está

Mas se eu tenho

Um tanto a perder

Eu perco é o medo

Do que a sorte lê

Sabe que quer

Sabe quem tem

O que se quer

4. Vilarejo

Compositor: Marisa Monte

Há um vilarejo ali
Onde Areja um vento bom
Na varanda, quem descansa
Vê o horizonte deitar no chão
Pra acalmar o coração
Lá o mundo tem razão
Terra de heróis, lares de mãe
Paraiso se mudou para lá
Por cima das casas, cal
Frutas em qualquer quintal
Peitos fartos, filhos fortes
Sonho semeando o mundo real
Toda gente cabe lá
Palestina, Shangri-lá
Vem andar e voa (3x)
Lá o tempo espera
Lá é primavera
Portas e janelas ficam sempre abertas
Pra sorte entrar
Em todas as mesas, pão
Flores enfeitando
Os caminhos, os vestidos, os destinos
E essa canção
Tem um verdadeiro amor
Para quando você for

Cantor Geraldo Vandré:

1. Disparada

Compositor: Geraldo Vandré e Theo de Barros

Prepare o seu coração prá coisas que eu vou contar
Eu venho lá do sertão, eu venho lá do sertão
Eu venho lá do sertão e posso não lhe agradar
Aprendi a dizer não, ver a morte sem chorar
E a morte, o destino, tudo, a morte e o destino, tudo
Estava fora do lugar, eu vivo prá consertar
Na boiada já fui boi, mas um dia me montei
Não por um motivo meu, ou de quem comigo houvesse
Que qualquer querer tivesse, porém por necessidade
Do dono de uma boiada cujo vaqueiro morreu
Boiadeiro muito tempo, laço firme e braço forte
Muito gado, muita gente, pela vida segurei
Seguia como num sonho, e boiadeiro era um rei
Mas o mundo foi rodando nas patas do meu cavalo
E nos sonhos que fui sonhando, as visões se clareando
As visões se clareando, até que um dia acordei
Então não pude seguir valente em lugar tenente
E dono de gado e gente, porque gado a gente marca
Tange, ferra, engorda e mata, mas com gente é diferente
Se você não concordar não posso me desculpar
Não canto prá enganar, vou pegar minha viola
Vou deixar você de lado, vou cantar noutra lugar
Na boiada já fui boi, boiadeiro já fui rei
Não por mim nem por ninguém, que junto comigo houvesse
Que quisesse ou que pudesse, por qualquer coisa de seu
Por qualquer coisa de seu querer ir mais longe do que eu
Mas o mundo foi rodando nas patas do meu cavalo
E já que um dia montei agora sou cavaleiro
Laço firme e braço forte num reino que não tem rei

Referências Bibliográficas

Ainda Bem. Site Vagalume. <<https://www.vagalume.com.br/marisa-monte/ainda-bem.html>>. Acessado em 31 de outubro de 2016.

Disparada. Site Vagalume. <<https://www.vagalume.com.br/geraldo-vandre/disparada.html>>. Acessado em 31 de outubro de 2016.

Infinito Particular. Site Vagalume. <<https://www.vagalume.com.br/marisa-monte/infinito-particular.html>>. Acessado em 31 de outubro de 2016.

O que se quer. Site Vagalume. <<https://www.vagalume.com.br/marisa-monte/o-que-se-quer.html>>. Acessado em 31 de outubro de 2016.

Vilarejo. Site Vagalume. <<https://www.vagalume.com.br/marisa-monte/vilarejo.html>>. Acessado em 31 de outubro de 2016.